

CAMPOS LIMA

---

# O MOVIMENTO OPERARIO

EM

PORTUGAL



1910

GUIMARÃES & C.ª — Editores

68, Rua de S. Roque, 70

LISBOA

---

Composto e impresso na Imprensa da Universidade de Coimbra

CAPIOS LIXIA

O MOVIMENTO OPERARIO

PORTUGAL

1910  
GUIMARÃES & C.ª Editores  
88, Rua de S. Roque, 10  
Lisboa



Copyright e Imprensa em conformidade da Lei de 1910 de 12 de Maio

*Aos estudantes libertarios*

*Meus contemporaneos na Universidade*

*Recordação d'um camarada.*

*The National Archives*

*Preservation and Access*

*Department of the Interior*

Nota preliminar

Notes preliminary

É o thema d'esta dissertação o *Movimento Operario em Portugal*. Assumpto de tanta responsabilidade é este que mal póde ser ligeiramente esboçado por quem, sem grandes elementos e tendo de restringir muito pela falta de tempo a sua observação pessoal, haja de deplorar ainda as circumstancias especiaes em que este trabalho teve de ser feito. Comprehende-se que a minha dissertação não possa ser mais do que uma ideia do que me seria pèrmittedo realizar, se ella não tivesse de ser escripta em intervallos de aulas, precipitadamente e como trabalho imposto e obrigatorio em tempo determinado.

A primeira difficuldade consistiu em resolver a maneira de encarar o thema posto. Porque o plano que segui deva em certo modo ser justificado e explicada a sequencia logica de suas partes, vou expôr algumas das razões que me levaram a dar ao meu trabalho tal disposição.

Todo o movimento operario é sempre mais ou menos o effeito da má organização social. O mais forte movimento operario será aquelle que maior opposição fizer á miseria, combatendo a classe burgueza. Intimamente ligado com as reclamações operarias anda o problema da transformação da sociedade, sendo certo que o movimento operario só consegue ter alguma cohesão e força quando norteado pelos ideaes revolucionarios. Em virtude d'isto, pareceu-me que ficaria incompleto o meu trabalho se o não precedesse d'uma

*Introdução* em que expuzesse a questão social, com as diferentes soluções apresentadas e a sua critica.

O que constitue propriamente o estudo do movimento operario em Portugal ficou dividido em duas partes. Na primeira descrevi o movimento operario no seu aspecto puramente economico. Na segunda descrevi-o sob o seu aspecto politico. Foram dois os motivos principaes d'esta divisão: a maior conveniencia para a clareza da exposição e o facto de eu ver sempre na lucta operaria dois aspectos distinctos — o economico e o revolucionario, tendo sobre os dois opiniões opostas, sendo até o primeiro para mim de uma importancia muito secundaria.

Por esta ultima razão poderá tambem entender-se porque não ampliei a minha *Introdução* descrevendo, embora a traços largos, a organização operaria dos diversos paizes. O movimento operario para mim é principalmente um movimento socialista. Por este motivo o meu trabalho se afasta muitas vezes da concisão historica dos factos para a sua analyse doutrinal e critica.

A minha dissertação, que é em geral theorica, tem muitas lacunas exactamente nos pontos em que me foi necessario expôr os factos, guardando o mais possivel a ordem chronologica. A razão d'essas deficiencias ficou apontada acima.

Todos os outros defeitos, que serãr muitos, sam já da minha exclusiva responsabilidade. Compensar-me-ha de todos a consolação de ter procurado realizar um trabalho que não contradissesse o que eu penso e fosse alguma coisa de bem intencionado e honesto.



## Introduccão

Introduction

## I

### A sociedade actual

«Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate!» — E o Inferno a cuja sinistra porta eu vejo negrejar a fatal legenda não é agora aquelle que o Dante, numa das suas largas arremettidas de genio, visionou. É um outro, palpavel, evidente, terrível.

«Lasciate ogni speranza!» — Deixae toda a esperança, ó vós que entraes na vida a esta hora sangrenta em que a Moral tomou o caminho do bordel e foi prostituir-se sob a babugem pestilenta do Crime. Deixae toda a esperança — se a vossa esperança é posta em alguma coisa de grandioso e de justo.

Sonhaes acaso um lar feliz, em que a ventura doirada vos sorria, numa paz tranquilla e doce? Pensaes em subir, na evidencia d'um nome glorioso, á culminancia a que só chegam os grandes trabalhadores da humanidade? Ou, tendo da vida uma concepção optimista, julgando por vós todos os outros, quereis abrir a vossa alma á fraternização de toda a gente, irmanando-vos nas suas aspirações, sentindo as suas alegrias, procurando realizar o bem e a verdade? Perdeí toda a esperança: não podereis alcançar nunca, senão incompletamente, o vosso sonho. Oppõe-se a tudo isso a grosseira e illogica sociedade em que vivemos, baseada nestas supremas mentiras — Auctoridade, Religião, Patria, Propriedade.

Assim poderia dizer-se a todo o homem novo, cheio de illusões e de crenças. Esta deveria ser a primeira canção apren-

didá, canção negra de desgraças, amarga realidade das coisas. E, em vez das roseas esperanças da infancia, todo o homem deveria, ao entrar na vida, sentir bem a infamia social, a injustiça de toda esta tyrannica desigualdade e aprender assim ao menos a revoltar-se.

O mal attingiu tudo e todos. Não ha hoje situação social que não esteja contaminada. E á face da terra a felicidade é uma coisa que não existe.

Doloroso sudario é este que aos olhos do menos observador se desenrola, desde o mendigo roto e cheio de fome que expõe a sua miséria á compaixão de quem passa, até ao burguez obeso, ridiculo na sua hediondez e tendo no rosto oleoso e vermelho, em que os opprimidos vêem só a boa côr da carne sã, a expressão cansada de quem foi sempre um inutil e não sentiu em volta a sympathia sincera das almas generosas.

A miséria, essa nodoa negra e tam alastradora, era ha annos representada nas estatisticas officiaes por este numero — doze milhões de indigentes. Sam esses os miseraveis reconhecidos officialmente, aquelles que a Assistencia publica soccorre. Mas nesse numero, que deve ter augmentado muito, não é contada a maior parte dos indigentes, aquelles que por uns restos de brio se não sujeitam á inscripção nos registros da policia.

Kropotkine considera indigentes os operarios cujo salario é inferior ao minimo do valor exigido para a sua alimentação. Comparando as listas dos salarios agricolas e industriaes, chega á seguinte conclusão:

**Numero de pobres da Europa e Estados-Unidos, em 1887,  
calculado segundo a escala de salarios**

Camponезes .....	50 milhões.
Operarios .....	20 »
<b>Total.....</b>	<b>70 »</b>

Setenta milhões de indigentes! Setenta milhões de homens a quem falta o indispensavel para viver. Setenta milhões de condemnados á fome.

E é contra essa assombrosa multidão de párias roçando por nós o trapo nojento de que se vestem que a sociedade, inquieta, fugindo á responsabilidade da sua imprevidencia, ergue os carcereos sombrios e arma a forca e a guilhotina. Porque da fome ao roubo vae apenas um passo, e é preciso defender aquelles que tudo possuem sem trabalho, aquelles que accumulam as riquezas da humanidade.

Mas, para maior desasocego d'esses, a cohorte dos opprimidos é muito mais vasta ainda. Sebastien Faure, naquella sua phrase impressiva, cheia de calor e persuasão, dá-nos um quadro da miseria social no seu bello livro *La Douleur Universelle*. Elle nos mostra como nas fabricas e nos campos é desesperada a vida do homem que trabalha, quantos soffrimentos, quantas humilhações os operarios sam obrigados a supportar. E tudo isto sob o peso d'um trabalho brutal, extenuante, de manhã até á noite, sem esperanza de melhores dias. Depois, ao vir d'uma crise, ei-os que sam lançados á rua, sem trabalho, reduzidos á condição de mendigos. Então a onda alastra, e a fome surge, fera indomavel que a todos subjuga. É quando ás consciências, obscurecidas e aviltadas, se apresenta o dilemma: ou mendigar ou roubar!

Mas não é tudo. Do excesso de trabalho, da falta de hygiene, da exiguidade do ar que se respira e da luz que se recebe, tudo accumulado ainda com uma alimentação pessima, porque os generos, principalmente os mais baratos, sam adulterados, resulta o esfalfamento physico dos operarios, a predisposição para a tuberculose.

É tambem entre os medicos uma questão posta o averiguar em que proporções a tysica é devida ao trabalho que exige certa deslocação do corpo do operario, posições forçadas dos membros, tudo quanto, concorrendo para desen-

volver excessivamente certos órgãos, contribue para o enfraquecimento d'outros. E este perigo de tuberculização é tanto maior quanto é certo que muitas vezes os operarios sam obrigados pelas crises e pelas greves a mudar da profissão que tinham para outra que possa exigir-lhes dispendio exactamente d'esses musculos enfraquecidos. Assim se provocará um excesso que trará como consequencia inevitavel o esfalamento physico, essa causa ou predisposição para tantas doenças terríveis.

E para cumulo, para que a desgraça seja maior, mais negro o quadro, tem-se hoje como factô averiguado e assente que é entre essa multidão de miseraveis que mais frequentemente apparecem os criminosos. Este factô envolve a seguinte affirmação: uma das consequencias da miseria é o crime.

Sem duvida o crime, como todos os actos do homem, não significa senão a realização material d'uma impulsão interior, que certas circumstancias especiaes provocaram. Por vezes o motivo determinante do acto criminoso é a propria organização, doentia e caprichosa, de quem o pratica. Acontece tambem que é ás vezes o meio exterior, seja cosmico ou social, que influe mais directamente na pratica da volição criminosa.

Tomemos este ultimo caso e vejamos como se effectua o que podemos chamar a evolução do acto criminoso. Imaginemos um d'esses desgraçados, a quem a sociedade negou o direito de satisfazer as mais imperiosas necessidades da vida: um operario, inutilizado pelo trabalho e posto á margem, porque as suas forças, já depauperadas, de nada servem d'ora em diante ao patrão. Durante toda a sua vida esse infeliz esforçou-se o mais que poude em produzir para outros tudo quanto lhe faltou sempre: a riqueza, o bem-estar, a tranquillidade. Viu erguerem-se palacios e sabia que esses palacios, maravilhosos e confortaveis, eram o productô dos

que trabalham; passou antè o seu olhar todo o progresso estonteante e todo o luxo sensual das sedas e dos velludos, dos brocados e das joalherias, e elle sabia que tudo isso provinha do trabalho. Sentiu-se um dia sem forças, incapaz de continuar a vida miseravel de servo da officina, e olhou então em roda, procurando um apoio e protecção. Nenhuma mão compadecida se estendeu para elle. Poude perceber apenas os risos e as alegrias dos ricos, alegrias e risos para que elle contribuira tambem, a muito poder de dias mal passados, de noites mal dormidas, de fomes, de miserias. Considerou então a sua desgraça naquelle grande isolamento a que o atirara o destino. Depois... Depois, quem póde admirar-se que no seu cerebro escandecido, na excitada nervosidade doentia do seu organismo, começasse a vibrionar a ideia do crime?

Por traz do acto criminoso ficava toda a injustiça social, toda essa série de males soffridos, de lagrimas choradas, de afflicções, de torturas. Dizer: — esse homem praticou um crime — é significar: — esse homem, por um acto que elle não podia ter evitado, protestou contra a actual organização da sociedade.

A vida negra, insoffrivel, pesando sobre os abandonados da sorte, neutralizando nelles a impulsão generosa da bondade humana, quantas vezes os não arrasta, pela força de aviltamentos, de torturas, de oppressões, ao abysmo d'onde nunca mais se sahe, ao lôdo onde nunca mais se póde topar um palmo de terreno firme, á solidão onde nunca mais se ouve a suavidade d'uma voz amiga, a isso a que se chama a pratica do crime? Não, não sam meros casos isolados, manifestações esporadicas que o cientista deve desprezar. Vejam-se os trabalhos de Denis e Ferri. O primeiro, estudando as relações entre a fome e a criminalidade, chegou á conclusão, e isto com dados estatisticos de valor, de que estas duas calamidades variam analogamente. O segundo notou

que o augmento e a diminuição da criminalidade se mantêm em proporção com o desenvolvimto e depressão da quantidade das subsistencias.

Mas toda a criminalidade que provém da organização do criminoso, o crime feito impulsivamente, por obra apenas da tendencia innata, poderá ainda filiar-se na miseria? Actuará acaso, e em que proporções, na determinação do crime assim realizado o meio social?

Entendamo-nos primeiro sobre o que é um criminoso nestas condições. Lombroso faz d'elle um typo á parte, definido, com caracteres especificos. Esta opinião está hoje posta de parte entre os criminalistas. Não pôde estabelecer-se o typo criminoso, pela incerteza e deficiencia dos dados estatisticos e dos pontos de comparação, tendo aquelles de ir buscar-se ás prisões e estes entre as pessoas com fama de honestas e que no fundo podem muito bem ser mais criminosas ainda. Assim mesmo os traços do criminoso sam os de todos os degenerados e o crime não pôde deixar de considerar-se uma das formas da degenerescencia.

E d'onde provém a degenerescencia? Eis-nos de novo em pleno dominio da acção do meio exterior. Sem contarmos as causas cosmicas, sabe-se como constituem uma causa de depressões organicas a educação mal orientada, a deficiencia da alimentação, a inferioridade dos usos e costumes, a baixa do nivel moral e intellectual da epocha e tantas outras que pouco a pouco vam contribuindo para desviar da sua natural evolução, enfraquecendo-o, um organismo. O resto completa-o a hereditariedade, pela transmissão e fixação de todas as pechas morbidas. E assim entre aquelles que formam verdadeiras dynastias de miseraveis, familias inteiras em cuja tradição não ha senão quadros de fome e de trabalho violento, a degenerescencia avança assustadoramente.

No fundo, em qualquer fórma de degenerescencia e portanto no crime tambem, ha sempre a influencia do meio exterior.



Transforme-se esse meio, dêem-se a todos as condições indispensáveis de existencia e não haja receio de que a lei biológica falhe: a degenerescencia attenuar-se-ha e, subsistindo ainda algum tempo pelos residuos que a hereditariedade transmitta, acabará por desaparecer.

Porém hoje, atravez de toda a miseria social e immoralidade dos costumes, a degenerescencia é, e para muito tempo ainda, uma triste realidade. E não só o crime, mas o alcoolismo, o suicidio, o esfalfamento physico, a tuberculose, os males d'esta vida iniqua. Acima d'elles ha ainda, para vergonha d'uma epocha que se diz civilizada, esta cruel desgraça e profundo aviltamento moral: a prostituição.

A mulher, que o christianismo, por uma delicada intuição, ergueu em symbolo do soffrimento nessa torturada figura da mãe do Christo; a mulher, que atravez de todos os tempos foi menosprezada e reduzida a uma condição social quasi nulla, é ainda na actualidade, em que não cahiram completamente todos os preconceitos que a seu respeito têm corrido com fóros de axiomas, uma coisa desprezível. Considerada muito inferior ao homem, ella é tratada com desdem pelo sexo forte, tida na conta d'um objecto, com certa utilidade sem duvida, mas não passando d'um objecto. Posta de parte na vida intellectiva, sendo para ella um luxo caro a simples e corrente educação geral, sem que dos conhecimentos humanos, a esta altura de civilização, ella tenha uma ideia vaga, a mulher está naturalmente condemnada a um obscurantismo deprimente. Além d'isso, toda a sua intellectualidade, d'um grande poder ideativo, tem sido esperdiçada por essa inutil e perniciosa mentira que ha tantos seculos vem entretendo a imaginação dos credulos e que se chama religião.

No nivel moral em que a collocaram, ella quasi não sente a humilhação que lhe fazem. Sofre resignadamente, com as lagrimas estancadas, a dura sorte de ter nascido num mundo de corrupção e iniquidade. Refugia-se, buscando uma conso-

lação, no sonho religioso d'uma outra vida, uma região distante em que a dôr é impossível. E, domada á vontade do homem, escrava humilde e obediente, ella vae conduzindo miseravelmente a sua cruz.

Assim, se acontece pertencer ás classes pobres, a sua vida tem de ser ainda mais cruel do que a do homem da mesma condição. Na fabrica é sobre ella que irá recahir o maior peso das injustiças, a maior oppressão. Extremamente fraca, o trabalho fatiga-a mais e condú-la mais depressa ao esfalamento physico; e, sendo ella a precisar de maior apoio na vida, é quem menos recebe de salario.

É de entristecer todo o sombrio drama que na vida d'uma operaria se desenrola. Se não é joven e os encargos da maternidade a tomaram já, a sua miseria tem este prospecto lancinante: horas e horas fechada numa officina, sobresaltada no cuidado dos filhos, esperando anciosamente pelo momento em que a algum d'elles, de peito ainda, possa offerecer o seu mau leite, em que ella lhe irá transmittir toda a sua miseria organica.

Se é nova ainda, verá mover-se em torno d'ella toda uma odiosa perseguição á sua carne cubiçada. E audaciosamente um dia um dos seus requestadores saberá triumphar da sua mal defendida honestidade, atirando-a á lama do lupanar. Umaz vezes é um patrão sem escrupulos que procura tirar todo o partido da sua situação, forçando-a, com promessas e ameaças, ao supremo aviltamento do seu corpo virgem, numa entrega sem amor. E ainda, d'entre os da sua condição, todos esses que não têm a felicidade de poder constituir um lar que a sociedade lhes negou, impondo-lhes uma vida de fomes e de dores, não sam dos que menos contribuem para a sua queda. A miseria está na razão inversa do numero de casamentos realizados: e quem não pôde casar força é que procure d'outra fôrma o cumprimento d'essa fatal lei physiologica da approximação sexual. Ao pobre a mulher custa caro:

d'ahi o tomar a primeira que passa, ou aquella que se deixa facilmente conquistar e no dia immediato se abandona. E assim, com a depressão do numero dos casamentos, coincide o augmento da prostituição.

Além de tudo isto, a prostituição provém, e mais directamente, da miseria d'aquella que se prostitue. É a estatistica que nos demonstra como certos misteres, onde o salario é mais exíguo e a sorte da operaria está mais á mercê da vontade dos patrões, dam um maior contingente de mulheres publicas. Seria precisa uma energia enorme, uma virtude poderosa, como a não podem ter essas desgraçadas que um trabalho penoso e uma vida de privações enfraqueceu, para poder triumphar da tentação d'essa porta aberta á sua situação de condemnadas a morrer de fome. Sem o braço forte d'um homem que as tome e lhes sirva de amparo, numa epocha em que uma mulher é um encargo pesado para o pobre operario, que mal ganha para si, ella tem em taes condições inevitavelmente de succumbir.

Assim se explica a maneira prodigiosa como a prostituição se alastra, augmentando mais, como nota Westermarck á face das estatisticas, do que a população. Assim em 1897, segundo o relatorio apresentado ao Congresso de Bruxellas pelo dr. Lutaud, o numero das prostitutas em Pariz alcançava a trezentos mil.

A prostituição é uma coisa tão corrente, está tam infiltrada nos costumes d'esta sociedade corrompida, que bem pôde considerar-se uma como que instituição social. Os homens graves, mantenedores da ordem, defendem-na, proclamando-a necessaria e utilissima. O Estado regulamentou-a...

Verdadeira instituição social, a que não falta o apoio colectivo e em que a lei tem um papel importante. O Estado chega mesmo a proteger a prostituição, incitando-a, fazendo d'ella uma arma de defeza do matrimonio contra os celiba-

tários, o que afinal está a dentro da sua acção collocando-se sempre ao lado dos ricos.

Justificando esta intervenção do Estado numa missão como essa, dizem homens doutos que se trata principalmente d'uma questão de hygiene e que o saneamento geral deve estar acima de todas as preocupações e de todos os escrúpulos. No entanto é uma coisa certa que a visita medica das prostitutas não tem diminuido os casos de doenças contagiosas. E é natural que assim seja, desde que uma grande parte das meretrizes, as que não cahiram sob a alçada da policia, não sam submettidas á visita e ainda visto que ella se não faz tambem aos frequentadores dos prostibulos, egualmente origem do contagio.

A inspecção medica e a rigorosa subordinação á policia tem apenas este resultado evidente: humilhar a mulher que uma vez cahiu, fazer d'ella um ser sem altivez, incapaz de se erguer um dia para o trabalho honesto e regenerador. Morsier diz ter conhecido uma mulher que, levada pela necessidade, se deixou matricular nos registros policiaes e que pouco tempo depois, horrorizada pela vida que levava, abandonou o seu infame mister, passando a trabalhar honradamente sete annos seguidos, sem que, durante todo esse tempo, deixasse de ficar sujeita ás visitas sanitarias, das quaes só se libertou por influencia de certas protecções, o que nem sempre se dá com todas. No seu relatorio ao Congresso de Londres, o mesmo Morsier conta, entre outros, mais dois factos. Em 1885 a certa casa de tolerancia foi levada ao engano uma rapariga. Quiz fugir, o que só conseguiu saltando completamente nua por uma janella. Neste momento interveiu o commissario de policia que, impondo a sua auctoridade, a ia obrigar a entrar pela força, o que não pode fazer em receio aos protestos do publico. Em 1871 em Besançon e em 1887 em Lons-le-Saunier, as raparigas abandonadas sam pela policia mettidas nas casas publicas.

Que conclusão havemos de tirar de tudo isto? A unica legitima: o Estado vigia a prostituição, não para a impedir ou attenuar, mas, bem pelo contrario, para a manter.

Com tal apoio e protecção e dadas as circumstancias especiaes em que a mulher pobre está collocada, não é de admirar que a prostituição seja hoje um dos maiores cancrios sociaes, d'aquelles que só uma remodelação radical da sociedade conseguirá exterminar. Emquanto não chega porém esse dia redemptor, em que a todos justiça ha de ser feita, a mulher estará á mercê das duras contingencias d'um destino amargurado. Lançada á lama, calcada, cuspidá pelos insultos e pelo desprezo d'aquelles mesmos que a corromperam, ella ha de ser por muito tempo ainda a grande martyr da vida.

E não é só na prostituição declarada, reconhecida, que a mulher se desmoraliza. Ha uma outra fórma de prostituição que convencionalmente passa pela authentica e genuina expressão do amor honesto. Refiro-me ao casamento. Não a esse que, por excepção, realiza a união sexual perfeita e que exactamente por ser excepção tem, como nota Charles Albert, um nome consagrado; não ao «casamento por amor», mas ao casamento que em geral nesta sociedade mercantilista obedece aos interesses puramente materiaes dos conjuges. Nessa fórma vulgar do casamento, a mulher, sujeita á vontade do marido, sem que para elle fosse attrahida por uma forte sympathia, soffrerá a humilhação de se entregar sem prazer, por imposição apenas de circumstancias monetarias. E é nisto que consiste essencialmente a prostituição.

S. Jeronymo, dizendo da mulher casada que ella não differe da prostituta senão em esta ser de muitos e aquella d'um só, exprime uma grande verdade se ajustarmos a interpretação d'estas palavras á observação acima feita. Sem duvida a mulher pelo casamento prostitue-se, mas não como o mesmo S. Jeronymo quer, pelo facto do rompimento da castidade, que nisso se funda a razão da existencia e para isso converge

a natural attracção dos sexos, mas pela immoralidade d'uma ligação feita por interesses, em que o da especie é posto em ultimo logar.

Importa, para melhor comprehensão da falta de grandeza e virtude d'essa instituição que a moral officiosa ergue num conceito levantado, analysar, ainda que muito rapidamente, o que ella seja e quanto ella se aparta da verdadeira união sexual. Confrontando o casamento com a ideia que todos nós temos do que é essa generosa impulsão a que chamamos amor, que se impõe por si só, fóra do dominio das leis e das regras convencionaes, convir-se-ha em que o casamento é a peor fórma de o realizar.

O casamento suppõe em primeiro logar uma desigualdade entre os conjuges. A lei assim o estabelece. Segundo os codigos, a mulher deve obediencia ao marido. Em certas circumstancias é-lhe inteiramente cortada a liberdade, que fica dependente da vontade d'aquelle com quem se matrimoniou. Tem elle direito ao seu salario e é quem administra os bens da familia e exerce o poder sobre os filhos. A mulher é apenas uma tutelada, que não póde, sem auctorização do marido, estar em juizo, ou realizar certos actos publicos e que é obrigada a acompanhá-lo para onde a elle lhe aprouver residir.

E o amor é a maior das egualdades. Por elle se abatem todos os orgulhos, se encurtam todas as distancias de classe e se annullam todas as differenças de educação. Por elle desaparece a incompatibilidade de raças e a opposição de religiões. Na Edade-Media, quando ainda o espirito aristocratico abafava a expansão da liberdade popular, coube ao amor o papel social de fazer a fraternização de todas as classes. Pela bocca dos trovadores elle subiu aos palacios e foi proclamado, ante as delicadas fidalgas da côrte, como a unica verdade da vida, solevando as hypocrisias e desigualdades sociaes. E por esse tempo o amor, embora doentio,

porque nascia numa epocha de cavalheirismo, mas por igual livre das mesquinhas preocupações de interesses grosseiros, tornara-se a ardente aspiração d'uma mocidade sonhadora que por elle esquecia todos os preconceitos e todos os pergaminhos.

Pois o amor, sendo como é a mais pura expressão de egualdade, encontra no casamento a mais decidida condemnação. Os codigos, ao imporem-lhe regras, tiveram por fim regular a propriedade individual, determinar a sua successão, attender ás legítimas dos filhos, etc. Para isso se estabeleceu a indissolubilidade do casamento e se fez da mulher uma como creada ás ordens do marido. Tratava-se unicamente da melhor fórma de prover aos interesses materiaes da familia. O amor ficou esquecido.

Houve tempo em que era a auctoridade paterna quem muitas vezes, e isto de harmonia com a lei, realizava o casamento dos filhos. Desappareceu hoje esse rigor, mas a vontade dos paes pôde ainda ser impedimento do casamento dos filhos menores. A razão d'isto é o facto de o Estado reconhecer ao chefe de familia o direito de mais ou menos dispôr ácerca da transmissão da propriedade. Concede-se ao pae o direito de veto, para que os filhos se sujeitem ás suas determinações e os bens matrimoniaes não venham mais tarde, por morte do pae, a ser distrahidos da mesma linha genealogica e assim se manter até certo ponto a sua unidade. Geralmente nestas condições os paes impõem aos filhos como regulador do seu casamento o regimen de separação de bens, impedindo assim que a propriedade, por morte do filho sem descendentes, se fraccione e uma parte vá accumular-se na fortuna do outro conjugue. E tanto o intuito da lei tem sido attender a isto mesmo, que em certos paizes em que se nega aos paes o direito de impedir o casamento dos filhos menores se lhes concede o de os desherdarem quando o realizem contra a vontade paterna.

Fóra dos codigos tambem se dá o mesmo. A educação feita a dentro da familia não prepara senão os casamentos sem amor, fundados unicamente no interesse material. E não pouco para isso concorre, como nota Charles Albert, a ignorancia em que a respeito da funcção physiologica do casamento e da sua significação moral os paes procuram manter as raparigas até á hora em que lhes buscam um marido. Zola no seu bello livro *Rome* dá-nos numa das personagens, essa da Bernadette, a expressão artistica d'esta verdade. A sobrinha dos Boccanera, inexperiente, religiosa e tendo do amor uma impressão de castidade, e revoltando-se depois ao conhecer, pelo casamento, que para se viver conjugalmente com um homem é preciso amá-lo poderosamente com toda a vibratilidade dos nervos e toda a louçura da carne e que o peor dos males é ter-se tomado um marido por quem se não sente nada d'isso, realiza o typo da nossa burguezinha de hoje, educada fóra das coisas reaes da vida e cujo destino não póde ser outro senão o d'uma ligação assim desnatural e absurda.

O casamento reveste uma tal immoralidade e desceu a uma impudencia tal, que não sam já raros os casos de ligação por meio de annuncio nos jornaes, com pormenores minuciosos das qualidades do conjuge postò em praça e das circumstancias requeridas no adquirente em que avulta a do dote. Trata-se unica e simplesmente d'um contracto, tal qual como a venda d'uma casa ou d'um cavallo.

Mas eu quero ainda deixar aqui consignado um facto. Representa elle o requinte de prostituição a que póde chegar o casamento. É o caso d'uma tombola organizada na Austria por uma viuva ainda nova, com o auxilio da imprensa e sem que a auctoridade interviesse, e em que o premio consistia em obter a sua mão. Teve um successo enorme, pois todos aspiravam a um casamento rico, que rica ficava assim a habilitosa aventureira. É um facto isolado? Não. Na America,



quasi ao mesmo tempo, um mancebo organizava uma lotaria identica e com não menos exito.

Isto traduz o estado de decomposição em que a sociedade vae. Vive-se já só de expedientes e um dos grandes recursos no meio da inquietante instabilidade da fortuna, é esse do casamento. E muitas vezes na vida d'um homem um pequenino acaso fará determinar nelle, á hora angustiada em que a miseria lhe vem batendo á porta, uma d'estas duas resoluções: ou roubar ou casar-se.

É um paradoxo, dirám. Mas ham de convir em que muito burguez que por ahí se estadeia á custa da riqueza da mulher com quem casou, se não tivesse encontrado aquella esposa docil e endinheirada, talvez, em logar de nos olhar com desdem da almofada do seu coupé, baforando o fumo do seu charuto caro, nos contemplasse nostalgicamente atravez os ferros frios d'um carcere.

Ora, de toda esta subordinação do casamento ás circumstancias economicas resulta que o amor na presente sociedade, longe de ser uma coisa natural, é contrariado e desviado do seu fim. Pelo casamento não se dá a escolha sexual, é falseado o instincto da especie e irám reflectir-se na prole as consequencias d'esse erro. Os filhos não serám o producto d'uma ligação natural em que, como nota Schopenhauer, se realiza a combinação dos contrarios. D'ahi mais uma causa de degenerescencia.

Mas não é só sobre o amor, embaraçando-o e reduzindo-o, que a actual organização da sociedade exerce uma pressão tyrannica. Os defeitos e prejuizos da vida de hoje reflectem-se em tudo. Desde a mais simples preocupação material até á mais alta manifestação intellectiva, seja no que fôr, ha de soffrer-se a acção dissolvente das condições do meio.

Assim a sciencia hoje está ainda dependente do proteccionismo official. A educação feita nas escolas mantidas pelo Estado resulta defeituosa e incompleta. E, se alguém, a des-

\*

peito de tudo, pôde triumphar e um dia merecer o nome de sabio, novos embaraços surgirão e ei-lo então de novo contrariado nos seus planos, quasi movido a pôr de parte os seus intentos. Depois, se se trata d'uma invenção que, bem aproveitada, poderia prestar uma grande utilidade a todos, logo o mercantilismo surge a d'ella tomar conta, monopolizando-a em favor dos interesses d'uma empreza.

Da mesma fórma a arte. Sendo esta a mais nobre affirmação da intellectualidade, precisa, para surgir natural e verdadeira, de se desprender das preocupações economicas. Quantas vezes se contraria o gosto esthetico ao sabor das exigencias do publico. O artista manietado não tem a inteira liberdade de manifestar o seu sentimento. E porque as mais das vezes a sua subsistencia depende exactamente do producto do seu trabalho, este terá de subordinar-se ás condições de quem o paga. A arte, na genuina expressão d'esta palavra, só pôde ser cultivada pois por um numero muito restricto de individuos, esses que tenham garantidos os meios de existencia d'outra fórma. E a par d'estes quantas vocações se não perdem entre os honestos que não queiram transigir e que assim terão de lutar pela vida numa outra esphera de acção mais baixa, cuidando d'um trabalho menos em harmonia com as suas aptidões?

Assim, o problema social não é unicamente uma questão de estomago. Elle contende com todas as grandes manifestações sociaes. Em todas ellas ha que destruir e remodelar. A vida, desde o primeiro impulso instinctivo até ás maravilhosas vibrações d'uma consciencia para um ideal, é no momento presente uma coisa dolorosa e amargurada. Viver é ser-se continuamente contrariado nas mais justas e legitimas aspirações, ver tombar os sonhos mais queridos, contrafazer os impulsos generosos do nosso coração, soffrer a lucta egoísta dos interesses e quantas vezes succumbir miseravelmente numa transigencia deshonesta e vergonhosa.

E essa vida assim, negra, cheia de martyrios, onde o egoísmo impera e a natureza é quasi uma palavra vã; onde a felicidade se não attinge nunca e a desgraça pesa sobre todos, é, bem, longe das metaphysicas, a cruel realização do inferno.

«Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate!»

Mas estará a humanidade condemnada a viver sempre assim? Se é certo que ninguém hoje, individualmente, pôde ter a esperança d'uma felicidade completa, poderá acaso alimentar-se a crença numa era melhor? Num futuro proximo ou distante abrir-se-ha para o mundo uma nova idade, d'esta vez definitiva, em que o homem se integrará com a natureza, numa evolução sem obstaculos, para a sonhada perfectibilidade?

A resposta está na propria sociedade. A par de todas as injustiças, alguma coisa ha que vem definindo-se e afirmando-se poderosamente num sentido de libertação social. Quem analysar com attenção a sociedade d'hoje verá como ella tende, cada vez mais rapidamente, para uma completa transformação dos seus processos e como de todos os que soffrem e de todos os sociologos vem subindo e crescendo a aspiração d'uma sociedade nova.

Por toda a parte a questão social é hoje do dominio de todos. Alastrou-se pela officina, mereceu a attenção dos governos, penetrou na imprensa e passou triumphalmente para a arte; isto é, levantou as greves, provocou a legislação operaria, tornou-se o assumpto mais palpitante dos jornaes e no romance e no theatro gritou o protesto e a justiça ante a nervosidade inflammada das multidões.

Encarando a miseria e a infamia sociaes, não ha ninguém honesto que se não declare socialista. Quer dizer, não ha ninguém que então não sinta dentro em si agitar-se, numa grande piedade e numa grande sedé de justiça, o desejo anciado

de alguma coisa differente de tudo isto. Não ha ninguem que não reconheça a justiça d'uma remodelação radical e completa de toda a vida d'hoje. Bastará que, um certo dia, irrompa impetuosa d'algun canto de terra a cohorte dos famintos, reclamando o seu lugar na vida, para que, como num sopro vivificador, todos os corações venham trazer um pouco do seu sangue á obra da regeneração humana.

A revolução social approxima-se. De anno para anno ella se vae radicando mais nos espiritos. O numero de revolucionarios cresce com uma enorme rapidez. E não sam já apenas esfarrapados, homens de quem poderia suppôr-se a acção mais ou menos desordenada e arbitraria, elles a quem o mal estar social pôde ter perturbado a viveza d'espirito; a ideia revolucionaria tomou tambem as grandes classes, e é já vulgar que um conde ou um principe venha tomar nas suas mãos aristocraticas o pendão das reivindicações do povo.

O operariado, cada vez mais consciente dos seus direitos e deveres, entrou numa phase de lucta aberta contra o actual regimen societario. A ideia da greve geral, recente ainda, começa a vulgarizar-se nos centros obreiros como uma das melhores armas de combate. Assim os levantamentos operarios realizam-se com mais solidariedade e mais probabilidades de exito.

Como ensaios, que, embora tivessem fracassado, umas vezes pela traição dos chefes, outras pela falta de preparação conveniente, mas que nem por isso deixam de ser uteis, pois em cada tentativa se radica cada vez mais a firmeza de lucta e se vam combinando esforços que, isolados, se perderiam, podemos citar já algumas greves com character geral. A greve da Belgica, realizada como protesto contra umas manigancias politicas no suffragio universal, chegou a comprehender 200:000 operarios e ameaçou num certo momento estender-se a todo o operariado do paiz. Em Barcelona poude levar-se a cabo uma greve geral, que durou uns oito dias, abrangendo

todos os operarios, sem excepção dos cocheiros e creadas de servir.

Mais recentemente, na Hollanda, a greve dos operarios das emprezas de transporte poz durante certo tempo em sobresalto o governo d'essa nação, sendo apresentado ao parlamento o projecto d'uma lei de repressão contra operarios grevistas. Quasi se generalizou o movimento, produzindo-se grandes difficuldades na vida economica hollandêza.

E na Russia, o imperio da autocracia em que os cidadãos estam á mercê da vontade do czar e em que ser-se revolucionario é quasi ser-se considerado assassino e em que por isso todo o movimento libertador é sempre mais significativo, rebentou ha pouco tempo uma greve que chegou a abranger 800:000 homens. Na sua maior parte os grevistas eram trabalhadores do campo, o que mais importancia traz ao facto, visto como só muito difficilmente se consegue fazer descer ao espirito rude dos camponezes a consciencia revolucionaria.

Tudo isto significa bem claramente que a resistencia á actual sociedade começa já a fazer-se num terreno menos platonico do que tem sido realmente até agora. O povo começa a comprehender a sua força, e, mais ainda, começa a fazer uso d'essa mesma força. São os prenuncios da revolução.

Além d'isto, tem-se tornado geral a decomposição do regimen politico. Nas *Paroles d'un Révolté*, Kropotkine mostra-nos como não ha nenhum estado que não caminhe para a sua ruina.

O Estado moderno, procurando regular todas as manifestações da nossa vida, creou um sem numero de occupações officiaes, disputadas anciosamente pelas quadrilhas de audaciosos que da politica fazem escala para o emprego rendoso. Cada partido, por necessidade da sua vida politica, irá transigindo sempre com a frandulagem infame de que depende e irá fazendo de cada galopim um funcionario publico. E, como essa accumulção de pessoal inutil se não faz de graça,

sobrecarregará o Estado com despesas que irám influir na divida publica.

Isto e os desperdicios com gloriolas e festas, viajatas de soberanos, recepções de mariolas illustres e outras muitas coisas ainda, sam a origem das grandes dividas dos Estados. E tõem subido tanto essas dividas, que nunca a receita dos impostos conseguirá contrabalançar o augmento do *deficit* dos Estados. Ha vinte annos já as dividas dos Estados da Europa subiam a vinte milhões de contós de réis. De então para cá devem ter augmentado extraordinariamente. Quer dizer, os Estados caminham para a bancarrota.

E, se mesmo em tempo de paz a situação é assim sombria para a vida dos Estados, em tempo de guerra é peor ainda. Então surgem as grandes crises, com a quasi paralyzação da industria e do commercio e o accumular das dividas. Sobre isto ainda o desprestigio que vem a recair sobre os Estados, pelas provas de incâpacidade que costumam dar no exercicio da sua principal funcção.

Depois, o Estado, que firma no poderio dos ricos a sua razão de existir, tem sempre atravez de todos os tempos tomado o partido das classes dominantes contra as classes dominadas. O Estado defende a propriedade privada, impõe a religião e corrompe-nos desde creanças com a educação dissolvente e cheia de prejuizos das suas escolas. Tudo isto, porque assim contribue para o obscurantismo dos cidadãos e lhes não deixa ver toda a infamia social.

É uma verdadeira lucta travada entre o Estado e o povo, e lucta de morte. Mas a victoria não será por certo do lado do Estado. Corrompido, gasto, em perenne decomposição, elle já não tem a energia para triumphar. «Le peuple qui est la force — diz Kropotkine — aura raison de ses oppresseurs; la chute des États ne devient plus qu'une question de peu de temps, et le philosophe le plus tranquille entrevoit les lueurs d'une grande révolution qui s'annonce».

## II

### Reacção burguêza

Ante a aspiração revolucionaria d'uma sociedade nova, por toda a parte proclamada e defendida, não já apenas no campo da theoria mas na praça publica, a burguezia, sentindo-se baquear, olhou em volta medrosamente, e, como naufrago agarrando a ultima esperanza, desceu a defrontar-se com os humildes, os rotos, os mortos-de-fome. Sentira-se alfim tocada da verdade e da justiça das reclamações dos opprimidos? Vinha acaso, num rasgo de consciencia e de altruismo, ao encontro dos revolucionarios, alinhando com elles, trabalhando na grande obra da transformação social?

Ingenuidade seria o concebê-lo, cerrada cegueira o acreditá-lo. Burguezia quer dizer uma classe em que se tõem vindo accumulando pelo decorrer do tempo todos os vicios d'uma civilização illogica, evoluindo num plano anti-natural, numa lucta constante de egoismos, sem moral nem sentimento. Como suppôr-lhe ideias de justiça, propositos de honestidade?

Não, a Burguezia descera até ao povo com este unico fim, que ella não conseguiria nunca,— defender-se. Vinha em nome das oppressões, das desigualdades, dos roubos, da miseria, das injustiças, das infamias, da tyrannia, das perseguições, da guerra, da lei, do crime social emfim, vinha em nome de tudo isto defender-se e comsigo defender a sociedade presente, que é afinal o conjuncto de todas essas iniquidades.

Mas, surgindo a peito descoberto e pondo na palavra rude a expressão repellente do seu egoísmo, seria baldado—ella o sabia—todo o esforço. D'ahi o simular, num cynismo impudente, essa figura candida de anjo que se amercia dos males e lhes procura remedio.

Em dois campos se dividiu. Um, abertamente reaccionario, em que por entre as lamentações da vida actual, cheia de miserias, se procura provar que é impossivel mudar a organização da sociedade. Outro, em que a politica tem sido de transigencias, cedendo-se habilmente no momento preciso deante do adversario, tentando-se por meio de reformas e leis de protecção operaria demorar o dia da revolução.

No primeiro estam os simples conservadores; no segundo os conservadores opportunistas. Vejamos, por agora, apenas a reacção burguezna naquelle aspecto.

O revolucionarismo não apparecera apenas como movimento de destruição, levando a toda a parte o protesto inflammado e violento contra a sociedade actual. Pelo contrario era muito principalmente um movimento de renovação intellectual, raciocinado, logico, philosophico. Não bastariam pois, para combatê-lo, as prisões, o exilio, os fusilamentos, a guilhotina e todos os outros meios repressivos de que tam prodigamente dispõe a classe dominadora. Necessario se tornava atacá-lo tambem no terreno da discussão.

Assim charlatães maravilhosos surgiram, baralhando a questão em mirabolantes jogos rhetoricos. Viram-se os escriptores burguezes soccorrer-se de todos os sophismas, aproveitar-se de todos os expedientes, confundindo tudo num perturbantelabyrintho em que se misturavam as ideias mais contradictorias e se mascaravam de nomes novos as doutrinas mais absurdas, repudiadas já ha muito. Era a lucta angustiosa que se trava á beira d'um abysmo, com a morte deante, lucta de instincto, desordenada, incoherente, ultimo rebate de vida d'uma sociedade argonizante.



Justificou-se tudo. Disse-se por exemplo que a guerra era providencial como repressão do augmento da população, esquecendo prudentemente que quasi sempre em seguida a grandes batalhas succede um augmento de natalidade, e, quando assim não fosse, que a população disimada era exactamente a mais forte e apta, por escolhida. Em defeza do capitalismo argumentou-se que sem capital não existiria trabalho. Recorreu-se, ainda com o mesmo intuito, a este subterfugio, a que d'um modo claro respondeu Lassalle: entre o capitalista e o operario realiza-se um contracto livremente, e o capitalista ganha pelos cuidados e direcção do trabalho e ainda pelo risco em que põe o seu capital, como se pudesse haver contracto livre entre um homem que tem pelo seu lado a riqueza e outro que está ameaçado de morrer de fome; como se nas grandes companhias de accionistas os directores se pagassem como nas outras empresas os capitalistas por esse tal serviço de direcção com quantia equal, e finalmente como se o risco que soffre o capital devesse ser compensado áquelles mesmo que em vez de prejuizos só tiveram lucros. Disse-se que, se os operarios viviam na miseria, era porque não se regulavam com economia, pois que a elles mesmo não estava vedado o serem um dia, por seu turno, capitalistas, — e isto com tanta maior impudencia quanto é certo que ninguem desconhece como sam exiguos os salarios e quanto capital é necessario para, na actual situação economica, se ter a supremacia monetaria, só attingida, desde que se tenha nascido pobre, com rarissimas excepções. Chegou mesmo a affirmar-se que a pobreza era uma coisa necessaria e a defender-se isso com a palavra de Christo.

Houve quem fosse mais longe ainda. Garofalo, por exemplo, fingindo não ver na questão social senão «a necessidade de combater os abusos do capital que, aproveitando o crescimento da população operaria, tende a reduzir os salarios

ao minimo», recommenda aos operarios que sejam previdentes e fundem associações «não para destruir o capitalista, mas para crear forças de vida propria, que lhes permittam resistir a injustas exigencias». E aconselha ainda a emigração para impedir o demasiado augmento da população operaria e assim evitar a baixa dos salarios.

Notavel é ainda pelo sordido cynismo que revela, a solução dada por um americano, Henri Clay, á questão operaria. Aos trabalhadores que reclamam a posse do capital, isto é, dos instrumentos de producção, responde elle que a verdadeira solução do conflicto entre o trabalho e o capital está, não em o trabalhador possuir o capital, mas em o capital possuir o trabalhador, seja elle negro ou branco, voltando-se assim ao regimen da escravidão.

Um ponto costumam tocar mais insistentemente os escriptores reaccionarios — a justificação da sociedade actual pela theoria darwinista e pela theoria malthusiana. A discussão orientada neste sentido tem um aspecto mais scientifico e serve melhor a apparencia de sinceridade honesta que lhes convém manter. Despindo a roupagem metaphysica do seu habitual *à-priorismo*, os conservadores permittem-se por um momento a ficção de ter descido á realidade dos factos. Ao invéz d'elles e pensando só em investigar a verdade, vejamos o que esses factos dam.

A theoria darwinista poz o principio de que a evolução das especies se fôra realizando á custa d'uma lucha lenta entre as diversas fôrmas vegetaes e animaes, cabendo a victoria aos que tinham melhores condições de desenvolvimento e que assim, por selecção natural, persistiram. O aperfeiçoamento foi-se conseguindo d'esta fôrma pela fixação de todas as qualidades uteis ao individuo e pela eliminação das que lhe sam nocivas e inuteis.

Assim se explica tambem toda a transformação operada no mundo inorganico. A mesma lucha natural e a mesma

selecção se deveriam ter dado para que da materia sem vida, sujeita apenas ás variações atmosfericas e ás leis que a regulam, surgisse, por uma depuração de qualidades, este phenomeno maravilhoso — a consciencia. No reino mineral, em lucta, estavam os elementos que haviam de compôr, ao cabo da selecção necessaria, a vida dos vegetaes; nestes, novo conflicto deverá ter-se travado para se chegar ao apparecimento dos animaes. E assim sempre em toda a natureza a lei devia ter sido esta.

Foi tambem a mesma theoria applicada aos phenomenos sociologicos. Assim, da mesma fórma que biologicamente ella era racional, porque o não havia de ser na vida das sociedades? Da lucta das raças pelo triumpho dos mais fortes, não se irá operando a selecção natural, sendo esta pois a verdadeira lei do progresso?

Effectivamente assim seria, se outras circumstancias não embaraçassem a evolução natural. Assim as raças mais fortes não serão as que triumpham sempre. A lucta não se trava naturalmente, com os proprios elementos organicos. O triumpho estará sempre do lado dos que se acharem militarmente mais bem defendidos, com melhor tatica de guerra e em condições mesmo economicas de a fazer. Além d'isso quantas vezes não é o acaso que decide da victoria?

Por vezes o principio realiza-se: é o mais forte que triumpho; mas não quer isso ainda assim dizer que sempre se tenha alcançado um progresso. A sujeição d'um povo a outro pôde produzir isto: a depressão dos vencidos e a desmoralização dos vencedores. Uns, sem energia já para se opporem aos seus inimigos, deixar-se-ham conduzir a seu sabor, descendo vergonhosamente á subserviencia que deprime o character e não deixa romper a altiva independencia que é um signal de força physica. Os outros, tomando de habito o viver á custa do povo conquistado, ir-se-ham inutilizando na vida ociosa dos que dam ordens e as não recebem. Tudo isto, sem contar

ainda o facto de as guerras roubarem á população exactamente uma grande parte dos mais fortes, porque seleccionados pelo recrutamento official, deixando na miseria uma outra parte, constituída pelas viúvas, pelos orphãos, pelos paes, já decrepitos, dos que morrem, — constitue um grande factor de degenerescencia que não pôde facilmente remover-se.

Não pôde pois affirmar-se com rigor que a lucta de raças significa uma fórmula de selecção natural; que d'essa lucta resulta sempre a victoria da raça physicamente mais forte e que a consequencia de tudo isto é um aperfeiçoamento. Para isto encaramos o facto sob o ponto de vista collectivo. Mas, se, em vez da lucta entre raças, analysamos a lucta de individuo para individuo?

É precisamente este o ponto em que se collocam os que, em nome do darwinismo, justificam a actual sociedade. Segundo elles, as desigualdades sociaes sam o resultado da lucta travada entre os individuos. É preciso que uns triumphem á custa d'outros: é a lei da preponderancia dos mais fortes sobre os mais fracos. Seria bom que todos tivessem os elementos precisos para realizar inteiramente o seu fim na vida, que todos fossem felizes e não os eternos condemnados ao trabalho e á miseria; porém isto equivaleria a dizer que seria bom que todos fossem aptos para vencer. E, porque nem todos o sam, é que o triumpho será só dos mais fortes. Além de tudo é essa uma lei de selecção natural por que pôde explicar-se o progresso. A concorrência que se dá no campo biologico depurando as especies dá-se tambem na industria, na politica, na sciencia, na arte, etc. Logar aos mais fortes! E assim se terá annullado em volta tudo quanto tentar romper sem condições de vida, isto é tudo quanto não tenha uma forte razão de existir. Assim se desenvolverám todas essas grandes manifestações de actividade humana.

Encaremos a questão primeiramente sob o ponto de vista

biologico apenas. A lucta travada entre individuos da mesma especie não pôde confundir-se com o *struggle for life* de Darwin. A selecção natural, segundo este a entendia, não era mais do que o triumpho da especie mais preponderante, conquistando em espaço e alimento ás outras especies o que lhe era necessario á existencia. Assim o mineral é absorvido pelo vegetal e este pelo animal. Nessa eliminação necessaria d'uma especie para o triumpho d'outra é que consiste a selecção natural.

Mas é natural a lucta travada a dentro da mesma especie? É ella condição indispensavel para a existencia e aperfeiçoamento d'uma minoria de individuos, tendo, ainda que assim fosse, só elles o direito de viver?

A lucta entre individuos da mesma especie é uma excepção rarissima. A supplantá-la e com uma grande generalidade está a lei do auxilio mutuo. A especie tem o sentimento da solidariedade, que ás vezes se estende a individuos d'outra especie mas semelhantes. Nas formigas por exemplo, e segundo conta Kropotkine na *Moral Anarchiste*, a sua solidariedade sóbe ao ponto de tomarem em protecção a formiga esfomeada d'outro formigueiro, que o acaso transviasse; se outra formiga com farta provisão e tendo encontrado aquella lhe recusasse alimento, depois d'ella lhe communicar pelo tacto das antennas a sua necessidade, seria isso razão sufficiente para que o proprio formigueiro a que a avarenta pertencesse, lhe declarasse guerra e a inutilizasse. Além d'isto, muitas especies contrarias evitam a lucta entre si, e, em vez de conquistarem umas ás outras o alimento, preferem afastar-se para longe e ir buscá-lo noutra parte, facto que se prova pela circumstancia de existirem as especies mais distinctas em territorios muito distantes como demonstra R. Villace, no seu livro *Darwinismo*.

Se não é natural a lucta entre individuos da mesma especie e ella se realiza na especie humana, que causas a determi-

naram? Muito simplesmente as condições economicas d'uma sociedade baseada num principio falso de vida collectiva. Organizadas imperfeitamente as relações sociaes, teriam de necessariamente surgir todas essas perturbações e conflicts. Ha lucta na verdade, mas uma lucta artificial, producto apenas das actuaes circumstancias, que acondicionam no seu rigoroso determinismo. Não é d'esta lucta que nascem as desigualdades sociaes e com ellas o triumpho dos mais fortes sobre os mais fracos. As desigualdades sociaes é que trouxeram a necessidade d'essa lucta assim, onde quem triumpho não sam realmente os mais fortes, pois que para o ponto de vista meramente biologico em que agora encaramos a questão não podemos considerar assim quem o seja só pelo dinheiro e pela situação social mas o que o fôr pela propria natureza.

Mas, ainda que assim fosse, seria preciso, para o aperfeiçoamento das classes denominadas mais fortes, que na lucta sejam vencidas as classes inferiores? Nem isso é verdade. Nem ao caso pôde ter applicação o facto citado por Jean Grave na *Société Future* a respeito dos cavallos selvagens do Thibet, que, «surprehendidos pela inclemencia do inverno, soffrem fome quando a neve sepulta as hervas dos pastos debaixo dos seus corpos. Então os menos robustos morrem de inanição ao cabo de algum tempo d'este regimen, por não terem já força para quebrar a crosta de gelo que lhes impede adquirir o alimento, enquanto que os mais vigorosos resistem, sobrevivem e formam raça». Grave affirma que d'este facto não pôde induzir-se que para os cavallos sobreviventes tivesse tido alguma utilidade o desaparecimento dos mais fracos, mas não me parece que isto seja verdadeiro, sem que contudo a nossa conclusão, pelos motivos abaixo expostos, deva applicar-se tambem á lucta na especie humana. Effectivamente o desaparecimento dos cavallos physicamente inferiores trazia isto de bom á especie: evitar futuros cruzamentos de cavallos fortes com typos já em degenerescencia.

Assim a raça mantém-se inalteravel e sempre forte. Na especie humana é que isso se não dá. O triumpho d'uns faz-lhes simplesmente obter uma situação preponderante na vida social, mas para a especie d'isso não advêm vantagens nenhuma. Pelo contrario, pelas causas já apontadas noutra capitulo, o trabalho excessivo e brutal dos vencidos e a sua miseria serám um perigo constante de degenerescencia. Para que o exemplo, cujos effeitos lealmente eu não quiz negar, valesse como argumento, applicando-o á vida entre os homens, seria preciso que todos aquelles que na vida não têm lugar desaparecessem. Mas não: elles ficam. Prolificos como sam, desenvolvem-se e permanecem, contaminando com as mesmas taras a mesma sociedade que os repudia.

Vejam os ainda se alguma coisa póde salvar-se das affirmações dos escriptores reaccionarios. Segundo elles, esta lucta, esta lei da concorrência, como lhe chamam, é que é a determinante de todo o progresso humano. Assim, abstraíndo nós já do aspecto biologico, poderíamos ainda acreditar o seguinte: Para o desenvolvimento puramente organico da especie a lucta das classes não tem effeitos nenhuns; porém, sob o ponto de vista da civilização, ella serve a sua causa, promovendo o seu engrandecimento, isto mesmo accitando que possa haver verdadeira civilização que seja fundada na miseria e nas injustiças sociaes.

Na vida devem triumphar os mais fortes, dizem. Mas, na verdade, não sam os mais fortes os que triumpham, mas os mais ricos. Por cada homem vigoroso e trabalhador, mas soffrendo uma existencia cheia de contrariedades, ha sempre um fraco e ocioso, vivendo a vida descuidada dos inuteis.

Vejam os o progresso que isto dá. Comecemos pela familia. O fraco, mas rico, será disputado pelas mulheres. Poucas serám as que desdenharam entregar o seu corpo forte, destinado a uma maternidade fecunda e natural, ás caricias d'um homem que, com ser rico, lhes não evitará de futuro a tor-

tura de as fazer mães de creanças rachiticas. E ahi temos nós uma familia constituída sobre uma base immoral e evoluçionando fóra da natureza. No entanto é esta a familia d'um dos denominados *mais fortes*.

No campo politico. Toda a gente sabe como se fazem os deputados. Para as eleições, o candidato que ponha empenho em vencer terá de desperdiçar parte do seu dinheiro na compra dos votos e dos serviços de galopinagem. Sam estes os homens que têm supremacia na vida politica do paiz e sobem mesmo mais tarde até ao ministerio. Entretanto, fóra d'esse circulo ambicioso de banaes que aspiram á evidencia e ao renome, estam todos os que a sorte não bafejou, todos os que não possam comprar essa cubiçada situação. Segundo os escriptores reaccionarios, os primeiros é que sam os mais fortes, capazes de todo o progresso na politica e da melhor administração do seu paiz. Haja embora individuos, muito mais talentosos e dignos, que fariam pelo menos um trabalho mais bem intencionado e mais intelligente do que o que têm feito certos governantes assim primitivamente lançados; ninguem convencerá esses escriptores de que aquelles sejam os mais fortes, porque não tiveram dinheiro para se bacharelarem e maniganciamem na politica.

Na industria. Costumam os escriptores burguezes repizar demoradamente este ponto, com o seu ar victorioso de infalíveis, decretando a verdade das coisas. E, como a apparente conciliação dos factos os não desmente de prompto e d'um modo radical, firmam ahi em regra a maior parte da sua argumentação contra o advento d'uma sociedade em que a lucta do capital não poderá travar-se. Assim dizem: a lei da concorrência é tudo; por ella se operam os maravilhosos aperfeiçoamentos industriaes e se procura levar aos mais longinquos recantos do mundo tudo quanto seja uma modificação progressiva nos habitos da vida, abrindo mesmo entre os povos menos cultos novas necessidades impulsadoras de civilização.



E tudo porque? Porque a actividade industrial está confiada aos mais fortes. A pequena industria, impotente, com a exiguidade dos seus recursos e a restricta esphera da sua acção, para emprehender grandes commettimentos, foi absorvida pela grande industria. Então o trabalhador domestico é substituido pela machina e pelo operariado. Formam-se as grandes fabricas, organizam-se os syndicatos e toda uma revolução se opera na vida industrial.

De simples entretenimentos caseiros, sem preocupações, improgressivos porque tradicionaes, a industria, assentando sobre a força do capital, consegue crear importantes profissões laboriosas. E assim, num grande movimento de progresso, as transformações da industria vam tornando a vida cada vez mais confortavel, chegando hoje a ser incomprehensivel essa figura já quasi lendaria do homem primitivo, de aspecto selvagem e durezas de animal bravo, que da vida não devia ter conhecido senão o matto hirsuto onde fizesse por ventura poiso e o pedaço de carne crua de que se alimentasse.

Para isto foi preciso que a industria ficasse nas mãos dos mais fortes, em detrimento dos que até então mal a poderiam fazer manter, mesmo sem procurar dar-lhe maior desenvolvimento. Só assim se poderia ter alcansado o grande incremento que a industria attingiu num breve espaço de tempo, tendo-se realizado nos seus processos uma completa transformação e sendo hoje uma das maiores manifestações do progresso humano.

É esta a maneira como os escriptores conservadores encaram os factos; mas, quanto a nós, erradamente. Ainda neste caso, a theoria darwinista não póde applicar-se, ou, applicando-se, não é ella em proveito da actual sociedade.

Vejamos em que consiste esse poder precioso de certos industriaes que os faz preponderar sobre os outros. Será porque sam mais intelligentes ou mais trabalhadores — isto

\*

é os mais aptos? Não. Simplesmente por isto — porque dispõem de mais capital.

E o que é o capital no caso que nos interessa? É tudo isso quanto constitue o necessario para o funcionamento do trabalho. De modo que, socializado que seja o capital, a tal superioridade d'esses industriaes desaparece. O que ha por traz d'elles é uma entidade ficticia — esse capital — que no fundo é ainda um producto do trabalho e não pôde viver nem tem valor sem elle. É tal a importancia d'esses pretendidos individuos mais aptos que pôde d'elles prescindir-se; o capital, esse é que é necessario e pôde existir independentemente do capitalista. Dá-se até a curiosa circumstancia de o trabalho se tornar mais productivo quando libertado d'esses senhores mais aptos, cuja aptidão, bem vistas as coisas, consiste apenas em reter, contra o direito de todos, esse mesmo capital, que, sendo a condição indispensavel do trabalho de tantos homens, não pôde pertencer exclusivamente a um só.

Depois da revolução, dizem, quando se tenha feito a expropriação, quando tenha acabado o regimen do patronato, a industria desaparecerá. Faltar-lhe-ha a concorrência a incitá-la. Deixará de haver o interesse de produzir melhor e de vulgarizar os productos. Será um verdadeiro estacionamento.

Pelo contrario, a concorrência continuará; apenas modificada. Collocando a questão, por exemplo, sob o aspecto libertario, a concorrência operar-se-ha na federação dos grupos de producção e de consumo. Cada um dos grupos, conhecendo a facilidade com que os outros poderám desligar-se d'elles, se os seus productos forem maus, tratará de produzir o melhor possivel, para ter o direito de o exigir pela mesma forma aos outros. Com o desaparecimento do dinheiro não se extinguirá a concorrência, pois que não é o dinheiro que a origina, mas as diferentes necessidades dos individuos.

Ha ainda a descontar alguma coisa nos enthusiasmos de certos economistas pelos effeitos da concorrência actual. Por

mais util que ella seja, não tem ainda a importancia que terá no futuro, quando libertada da ganancia mercantil. Assim a concorrência de hoje, se impulsiona a industria, tambem tem concorrido em parte para a prejudicar. É um facto que, por causa da concorrência, um grande numero de industriaes, no intuito de competir em barateza com os outros, procura realizar os seus productos, gastando o menos possivel com a materia prima e a mão d'obra. A consequencia é a má qualidade dos productos e até a sua falsificação. E isto porque o fim principal a que na actual sociedade aspira cada industrial é enriquecer-se.

Na sciencia. É curioso ver aqui o triumpho dos mais fortes. Os mais fortes neste caso serám os diplomados. E é notavel como em toda a parte a sciencia official, imposta dogmaticamente, embaraça a verdadeira sciencia, aquella que sabe desprender-se de preconceitos e evoluciona livremente, de harmonia com a razão apenas. Como o Estado só reconhece a primeira, comprehendem-se as difficuldades de capital, que muitas vezes se não podem remover, para certas missões scientificas. Depois, ao passo que os sabios officiaes sam beneficiados, porque sabem estacionar numa certa phase da sciencia e sabem omittir as imprudentes revelações de certas verdades compromettedoras, os outros, os que dizem toda a verdade, sam hostilizados e correm o risco por vezes de cair sob o codigo penal, porque atacam a religião do Estado, e de ser perseguidos, exilados e mesmo condemnados á morte, porque altivamente võem annunciar á multidão que as suas miserias e as suas dores ainda ham-de ter um fim no dia em que essa mesma multidão se erguer e fizer a revolução social. É a continuada ou tantas vezes repetida historia de Galileu.

E é, em nome do triumpho dos mais fortes, que os escriptores burguezes defendem a sciencia official e a apresentam como uma das coisas mais gloriosas. Só lhes falta lembra-

rem-nos que elles tambem, sabios officiaes, sãm glorias authenticas.

Onde porém mais se revela quanto é falso esse pretendido triumpho dos mais fortes é na arte. Para alcançar em curto espaço de tempo uma situação economica feliz, o primeiro cuidado do litterato será escrever, não os *Lusiadas*, mas... a *Irmãzinha dos Pobres*. Deverá recalcar todo o seu sentimento artistico e transigir infamemente com o editor. Se é honesto e talentoso, pôde, mesmo sem transigencias, triumphar um dia. Mas, para isso, é preciso soffrer as maiores contrariedades, sentir os grandes desalentos e quantas vezes as torturas da fome. Sirva de exemplo a vida de Zola, o quanto esse homem soffreu antes de triumphar, escorraçado de toda a parte, repudiado pela imprensa e pelos editores e alimentando-se com pão e azeite. Mas, a par d'este, quantos outros não succumbem, incompreendidos e cheios de talento? O tal predominio dos mais fortes tem evitado meia litteratura, da melhor, da mais genuina e levantada, porque é exactamente esta a que é combatida numa sociedade que ainda balbucia as primeiras palavras da verdade nova.

Conte-se agora o numero de individuos que foram forçados pelas circumstancias da vida a seguir uma profissão diferente, tendo no entanto maiores predisposições para a arte do que para essa profissão, onde ham-de ser sempre uns inadaptados. Contem-se ainda aquelles que poderiam ser dos mais talentosos e mais aptos, se as condições economicas lhes tivessem permitido adquirir uma educação litteraria e artistica. Convir-se-ha então no extraordinario desenvolvimento que a arte teria numa outra situação economica. A arte não tem evolucionado pelo triumpho dos mais fortes. Deve corrigir-se assim: a arte tem evolucionado, apesar do triumpho dos que se dizem os mais fortes.

Sem precisarmos de analysar mais demoradamente a maneira como pôde entender-se uma applicação da lei darwi-

nista á actual sociedade, podemos já concluir que tal lei se não realiza inteiramente. E, para frizar mais o contraste entre o que pensamos e o que dizem os escriptores reaccionarios, poderemos acrescentar: essa lei não se verifica presentemente d'um modo completo por causa das perturbações da má organização da sociedade, e, para que tal lei accione poderosamente, será preciso fazer a reorganização social sobre uma base de liberdade.

Sob o ponto de vista meramente biologico, a lei darwinista cumprir-se-ha do modo seguinte: As ligações sexuae serão feitas inteiramente de harmonia com a natureza. Os fortes procurar-se-ham instinctivamente. Os degenerados, porque o sam, tambem para se juntarem irám buscar outros degenerados. Estas ultimas ligações terám como consequencia a depressão do numero de degenerados, porque providencialmente a infecundidade é um dos caracteristicos da degenerescencia. As primeiras serão, ao contrario das ligações de hoje, a realização integra da lei natural da reprodução da especie. Emquanto que actualmente o que predomina é o dinheiro, com a sua influencia deprimente, no futuro predominará o instincto da especie. Cumprir-se-ha a lei dos contrarios de Schopenhauer, que é ainda uma fórmula da lei darwinista, pois que na evolução do feto até se converter num ser vivo pôde, nessa assimillação das boas qualidades d'um e d'outro dos procreadores, ver-se unicamente a lucta natural travada contra as más qualidades e operando-se assim a selecção.

E comprehende-se ainda como, fóra do ponto de vista biologico, a lei darwinista terá no futuro uma verdadeira applicação. Porque exactamente os mais fortes, os mais aptos, os que na sociedade actual sam os vencidos, serão, numa sociedade livre, em que nada lhes embarçará a sua acção, os que ham-de triumphar.

É pois de todo o ponto inacceptavel a defesa da actual sociedade pela theoria darwinista.

Apreciemos agora o valor dos argumentos dos que tentam justificar a actual sociedade pela theoria malthusiana. O malthusianismo, affirmando que a população se multiplica numa progressão geometrica, emquanto que as subsistencias augmentam em progressão arithmetica, foi recebido com enthusiasmo pela economia burgueza. Afigurou-se-lhe um golpe decisivo vibrado á revolução. Era a queda de todas as esperanças numa melhor vida e portanto a sujeição resignada ao presente. Effectivamente, se a população augmenta em maior proporção do que as subsistencias, tudo quanto se faça para melhorar a sorte dos miseraveis contribuirá para o augmento da população, o que significará uma verdadeira calamidade social. Para que, pois, pensar em transformação da sociedade, se ao cabo este problema do augmento demographico é inamovivel? Póde num determinado estadio da sociedade garantir-se a subsistencia para todos; mas de que valeria isso, se essa mesma facilidade de vida provoca um rapido excesso de população, que cobrirá immediatamente toda a producção, reapparecendo o desequilibrio entre as necessidades e as subsistencias?

Vejamos se realmente esta especie de sociologos tem razão. Em primeiro lugar, convém apurar se, na pratica e em face dos factos, a lei do augmento da população se tem verificado. Kropotkine entende que a producção augmenta mais rapidamente do que a população e escreve:

«Quanto mais apertados estiverem os homens num territorio, tanto mais rapido é o progresso das suas forças productivas.

«Com effeito, emquanto que a população da Inglaterra não augmentou, desde 1844, senão 62 0/0, a sua força productiva cresceu quando mais não seja 130 0/0. Em França, onde a população tem augmentado menos, o acrescimo é todavia rapidissimo. Apesar da crise em que a agricultura se debãte, apesar da ingerencia do Estado, imposto de sangue, banca,

finança, industria, — a producção do trigo quadruplicou, e a producção industrial sobreduplicou no decurso dos ultimos oitenta annos. Nos Estados-Unidos o progresso ainda é mais prodigioso: apesar da imigração, ou antes precisamente por causa d'este excedente dos trabalhadores da Europa, os Estados-Unidos decuplicaram a sua producção».

Melhoradas as condições sociaes, a producção augmentaria mais ainda. Então teriam desaparecido os ociosos e os sem-trabalho; as necessidades é que regularmente determinariam a producção e não o espirito ganancioso que hoje dá origem a uma apparente sobre-producção em contradicção com a miseria; não mais haveria interesses mesquinhos e egoistas a reprimir consciencientemente a producção para se não embatecerem os generos, o que estaria acima de tudo seria sempre o interesse da humanidade.

Actualmente, como o demonstrou Kropotkine, existe o dobro dos productos agrícolas e o triplo dos productos industriaes precisos para satisfazer as necessidades de toda a gente. As subsistencias chegam para todos. O que falta é a sua regular distribuição. É esse o problema immediato. O outro, se realmente tem a grande importancia que lhe attribuem, poderá e será resolvido mais tarde. Então, quando a sociedade assentar em principios de justiça, será certamente facil encontrar-lhe solução. E, como exemplo d'uma tendencia que neste sentido começa a manifestar-se na sciencia, na sciencia que no futuro será a reguladora da vida social, transcrevemos as seguintes palavras do grande chimico Berthelot:

«... vemos neste momento despontar a aurora d'uma nova revolução, mais radical talvez que a da agricultura, na alimentação do homem. A chimica, desenvolvendo sem limites a audacia das suas descobertas, pretende hoje fabricar os alimentos e substituir ás industrias agrícolas, todas fundadas sobre a producção dos seres vivos, animaes e vegetaes, a creação inteira das materias nutritivas. Ás herdades succede-

riam as fabricas; aos camponezes e aos lavradores, os engenheiros e os mechanicos. Seria uma transformação não só industrial mas social mais profunda que as que a raça humana atravessou desde os tempos historicos». (*Temps*, de 26 de junho de 1902).

Isto, quanto ao augmento das subsistencias. Quanto á população, tambem não ha que recear muito, desde que se tenha em vista a menor fecundidade dos povos mais civilizados. Certamente a nova sociedade, mais intellectualizada, será menos prolifica.

Não ha, pois, motivo para induzir da theoria malthusiana, actualmente já tam modificada, a inutilidade d'uma transformação social.

Assim mais uma vez falha a argumentação dos escriptores burguezes; d'esses que, tomando a capa hypocrita d'uma pretendida sinceridade de convicções, procuram lançar a confusão nos espiritos ingenuos, arrastando-os para o seu lado. Os outros, os que, hypocritamente ainda, simulam transigir com os revolucionarios, merecem-nos tambem menção especial. Esse será o assumpto do capitulo seguinte.

As seguintes palavras do grande chimico Berthelot:

... Este momento deponha a favor d'uma nova revolução mais radical, talvez que a da agricultura, na eliminação do homem. A chimica desenvolveu sem limites a industria das suas descobertas, pretendo não fabricar os elementos e substituir as indistintas espécies, todas fundadas sobre a produção dos seres vivos, animaes e vegetaes, e creio que as indistintas naturas. As indistintas espécies



### III

#### Solução burgueza

Feridos pelo extraordinario incremento das proclamações revolucionarias e no receio de que ellas se traduzissem positivamente em exigencias que porventura as circumstancias especiaes d'esta epoca de descontentamentos poderiam favorecer, têm os estadistas seguido uma politica de conciliação, a que se deu o nome de — socialismo de Estado. Assim, o grande auctoritario Bismark, induzido por Lassalle, declara-se pelo socialismo; o proprio Czar da Russia proclama as virtudes da paz universal; e tantos outros, sentindo tremer o solo sob os seus pés, vêem mostrar-se humildes servidores do povo.

Mas quanto tudo isto é falso! Como por detraz d'aquellas manifestações hypocritas, onde a verdade e o sentimento fallham, se descobre a intenção reservada d'uma defeza a todo o risco d'esse poder que se lhes escapa, incompativel hoje com as tendencias libertarias da humanidade.

Que reclamam os revolucionarios? A remodelação social, immediata e completa, de modo a acabar-se de uma vez para sempre com a exploração do homem pelo homem. E em que consiste o socialismo de Estado? Em fazer pouco a pouco e em doses exiguas, pequenas concessões, demorando para uma epoca longinqua a inevitavel revolução que se aproxima.

\*

Evidentemente nestes dois movimentos ha uma opposição. Auxiliar um é embarçar o outro. Ou se é pelo Estado ou pelo povo.

Com o socialismo de Estado ir-se-ha restringindo cada vez mais a liberdade pessoal, desde que á iniciativa dos individuos se irá substituindo a acção absorvente do Estado-Providencia. Em vez de procurar tomar-se por base d'uma remodelação collectiva as relações directas de productores com productores, o socialismo de Estado pretende conduzir-nos a um regimen de representação em que tudo se resolverá por meio de decisões dos delegados d'esses mesmos productores.

Entre os operarios, seduzidos pela vangloria de terem deputados seus no parlamento, tem tido infelizmente esta ideia alguma acceitação. Mas na pratica d'essa politica, que nunca devia ser a d'um partido do povo, bastante se ha colhido em argumentos contra este mal entendido socialismo. Assim tem-se visto como a maior parte dos revolucionarios que se destacam e que dos seus camaradas recebem algum mandato, que lhes dê ingresso no parlamento ou nas camaras municipaes, se deixam influenciar pelo espirito burocratico e burguês das assembleias conservadoras e se vam modificando pouco a pouco num sentido reaccionario, por mais bem intencionados e honestos que sejam.

Sam estes os mesmos que a cada passo nas reclamações operarias intervêm induzindo os operarios, que elles quasi se habituaram já a considerar como subordinados, a sustar os seus protestos e a attender a auctoridade que lhes dá a chefia de que se revestiram. Viu-se isso na greve da Belgica, que uma ordem imprevista do comité central subitamente paralysoou, quando tudo parecia naturalmente indicar que o operariado belga devia continuar manifestando a sua força deante do poder constituído. Mais tarde descobriu-se, e na imprensa operaria foi o caso largamente discutido, que nessa

resolução dos chefes do movimento tivera grande parte o proprio Estado que combatiam. A greve da Hollanda terminou tambem por culpa dos socialistas mais cotados, esses que costumam representar no parlamento o operariado.

Tudo isto se explica facilmente. Aquelles a quem o suffragio dos seus camaradas ergueu a uma melhor situação social começaram a crear em volta, na adaptação a um meio differente, um conjuncto de interesses especiaes, incompativeis já com os interesses dos que representam. Isto dá-se mesmo a dentro de pequenos grupos, por exemplo na organização operaria da Inglaterra, onde os operarios privilegiados constituem por assim dizer um novo Estado, que dentro em pouco precisa de ser combatido pelos operarios das ultimas camadas. Erguidos pois esses homens a uma posição superior, elles vam-se alheando naturalmente, pelos habitos e pelas necessidades, das aspirações dos mais humildes. Convivendo com burguezes, deixando-se tomar da sua vida, tendo dentro em poucos annos os mesmos interesses, encontram-se ao cabo d'um certo tempo tirando partido da sua grande influencia junto do operariado e aproveitando-a, porque assim sam temidos e respeitados pelos magnates da politica, para conseguirem certas vantagens e regalias. Depois, uma vez entrados no caminho das transigencias, concederám tudo, a troco das suas commodidades.

Mas não devemos recriminá-los a elles em absoluto, porque é essa a consequencia inevitavel do proprio systema. Não é sem perigos para os dirigidos que se colloca o poder nas mãos dos dirigentes. O habito de mandar toma-os tam imperiosamente, que d'ahi por deante ham-de considerar-se sempre os mais aptos e superiores, aquelles de quem depende o destino dos outros homens.

A politica do socialismo de Estado, sem responsabilidades revolucionarias, é a unica que lhes convém. E seriam elles os primeiros a oppôr-se á revolução social, no dia em que de

todos os lados os opprimidos se erguessem e os reclamassem para a lucta contra o existente.

Defender o socialismo de Estado significa não acceitar o advento d'uma nova sociedade completamente refundida, por isso mesmo que nunca o proprio Estado realizará essa radical transformação.

No sentido do collectivismo tentou-a uma vez a China, por meio d'um ministro para isso nomeado com plenos e extraordinarios poderes. Mas o facto, pela instabilidade do regimen, mais confirma a verdade de que nunca o Estado poderá realizar essa transformação, por mais bem intencionado que seja, por isso mesmo que a ordem social se fórma naturalmente, não se decreta.

Essa experiencia collectivista, feita no seculo xi, é-nos descripta por Garofalo d'este modo:

«Na China existiam no seculo xi seitas anarchicas ou nihilistas, que se propunham destruir o edificio social.

«A sociedade, diziam, baseia-se sobre a lei, que não é senão injustiça e sophisma; sobre a propriedade, que não é senão roubo; sobre a religião, que não é senão mentira; sobre a força emfim, que não é senão tyrannia.

«Mas o homem, diz De Varigny, não pode permanecer muito tempo na simples negação; passa por ella, mas apenas para chegar a uma affirmativa. A sua natureza recondu-lo á realidade; e, assim como o seu corpo não pode subsistir sem alimentos, o seu cerebro não pode funcionar sobre a ideia abstracta do nada».

Uma formula socialista devia ser e foi o termo d'esta estranha convulsão. Assim o socialismo chinês appareceu, e o seu representante foi Wan-ngan-Ché, homem de vasta cultura e de notavel eloquencia. Nomeado ministro, com plenos poderes, pelo imperador Chen-Tsung, que se enamorara das *novas ideias*, o reformador metteu mãos á obra e proclamou o Estado soberano, unico proprietario, capitalista e gerente

das indústrias. Os productos seriam distribuidos pelos habitantes na medida das necessidades de cada um. Começou-se pelas terras cultivaveis, a que mais facilmente podia applicar-se o novo systema. Para obter as sommas necessarias á execução d'este projecto e para supprimir gradualmente as desigualdades economicas, Wang-ngan-Ché deu aos novos *tribunaes de agricultura* a faculdade de lançarem uma *contribuição especial* aos ricos, calculada por forma que ao fim de cinco annos nada lhes restasse.

Os magistrados determinavam, sem appellação, quaes os ricos e quaes os pobres. O grande tribunal agricola de Pekim podia, no caso de carestia em um districto, fazer affluir ahi o que sobrava nos districtos mais favorecidos.

Mas estas medidas não bastavam. Para assegurar a felicidade geral, era preciso supprimir a riqueza, causa de desigualdade, e, portanto, dos descontentamentos e désordens na terra. Assim, depois de tê-la abolido, era necessario impedi-la de reconstituir-se. Ora o commercio, os bancos, a industria e a usura criam a riqueza; Wan-ngan-Ché supprimiu-os, portanto, dando ao Estado o seu monopolio, graças ao qual, elle só, realizaria os lucros repartidos por milhares de mãos. Ora representando o Estado todos os habitantes, cada um teria a sua parte nesta propriedade collectiva.

«Ninguém seria rico, mas ninguém seria pobre. Sendo todos eguaes, a inveja, o odio, as más paixões desapareceriam como por encanto, e os principios de justiça impôr-se-hiam sem esforço num imperio regenerado».

Só os usurarios, os açambarcadores, os que medram á custa das desgraças publicas e devoram os trabalhadores, poderiam lamentar-se d'esta transformação.

Ao principio as acclamações foram universaes, e no concerto de louvores, de um extremo da China ao outro, não houve uma discrepância.

Mas as desillusões não tardaram. A primeira veiu do uso

que os camponezes faziam das sementes que gratuitamente lhes fornecia a administração publica. Tirada a porção necessaria ao alimento proprio e da familia, vendiam ou trocavam outra porção por objectos de que precisavam, e só o resto, insignificante, como o provavam as ultimas colheitas, era confiado á terra».

De tudo isto resultou a miseria geral. Não soube o ministro, que continuava a substituir-se ao livre accordo da sociedade, remediar o mal, e, como morresse o imperador, a imperatriz regente demittiu esse ministro, desfazendo toda a sua obra. Assim no Estado, por o simples capricho d'uma vontade feminina, recua-se deante da transformação social.

Certamente as difficuldades eram muitas, não sendo a mais pequena a fôrma que se escolhera — o collectivismo; mas, se não fôra nesse regimen tudo estar ainda intimamente dependente do Estado, e se elle tivesse surgido por impulso de todos, ao cabo dos primeiros insuccessos, em vez de se voltar atraz, ter-se-hia buscado ao facto uma outra solução, tentando talvez o communismo sem Estado.

Ha uma outra experiencia de socialismo feita pelo Estado, e esta vimo-la citada no livro do sr. dr. Affonso Costa, *A Igreja e a Questão Social*: «Na Persia, Mazdak conseguiu fazer acceitar pelo rei uma doutrina, mistura de parsismo, budhismo e christianismo, que libertaria a humanidade e teria por fôrma pratica terrestre o communismo (498). Mas os ricos, tendo-se revoltado, conseguiram prender o rei e matar milhares de adeptos. Logo, porém, em 502 foram os ricos vencidos e o communismo esteve estabelecido na Persia até 542. Mas por esta epoca, tendo morrido o rei comunista Cobad, seu filho, Chosroès, atraiçooou os alliados de seu pae, massacrando num só dia mais de cem mil, e restituindo o poderio aos ricos».

Todas as transformações feitas pelo Estado estão assim á mercê dos governantes. Desapparecendo os affectos a tal

reforma social, esta annullar-se-ha em seguida, retrogradando-se. De toda esta instabilidade resulta bem clara e flagrante a pouca confiança que todas essas alterações devem merecer-nos.

Assim o socialismo de Estado nunca poderá conduzir-nos a uma completa transformação da sociedade, e tem de comprehender-se apenas como um conjuncto de pequenas reformas, sem importancia relativamente ao grande problema social. Assim entendido, elle não será mais do que o expediente de que as classes dominantes se sêrvem para illudir as reclamações dos operarios, entretendo-os com concessões quasi de todo inuteis, e não serve como solução á miseria e injustiça sociaes.

Não podia também a Egreja deixar de tomar a palavra sobre um tam importante assumpto. Ella, que transigira já com os principios da Revolução Franceza, mantendo relações com a França, não podia de modo algum hesitar em advogar também a causa do socialismo, embora interpretando-a a seu modo.

Estava tudo isto a dentro do seu plano de defeza contra as ideias revolucionarias, o qual tem consistido em hypocritamente se fingir tomada do mesmo espirito dos que combate, para assim melhor se insinuar.

A Egreja, pois, pela bocca de Leão XIII, proclamou o socialismo catholico já em elaboração nas doutrinas de certos sectarios do catholicismo. Mas o socialismo da Egreja é tudo quanto ha de menos socialismo. Assim elle respeita o direito de propriedade e a distincção de classes e faz consistir toda a harmonia social na fundação de cooperativas, em algumas concessões feitas pelo Estado e sobretudo no temor de Deus.

Nem um rasgo de justiça, um impeto de revolta, a indignação d'um protesto. Mas sómente a fina e calculada poli-

tica d'um papa habilidoso, procurando a todo o risco salvar a Igreja da derrocada para que caminha.

Num tempo em que a Igreja se não aristocratisara ainda, poderia ser sincera a sua aspiração pelos que soffrem. Hoje, que ella fórma um conjuncto de interesses em antinomia completa com os interesses da humanidade, não podem tomar-se a serio os seus ideaes de justiça, de paz e de amor.

E, embora dolorosamente causticas, sam de todo o ponto verdadeiras estas palavras do illustre publicista hespanhól Fernando Lozano: «Não vedes agora que de caricias faz o papa ao hereje imperador allemão, porque este lhe dispensa a sua alta protecção?

«E esse poder que affirmara na Edade-Media que não havia nenhum rei legitimo, se se não declarasse seu vassallo, e hoje adula os imperadores herejes; esse poder, que negara a um imperador allemão a sepultura, apesar de ter sido catholico, porque lhe não tinha querido render vassallagem, e hoje abraça outro imperador allemão, chefe da heresia lutherana; esse poder, que em Hespanha não concede aos livres-pensadores um lugar de repouso nos cemiterios catholicos, porque o contacto com os herejes mancha, por sua vez, ao vir em visita a Toledo o hereje principe de Galles, o recebe sob o pallio á entrada da cathedral, entre as maiores honras, prodigalizadas pelo proprio arcebispo de Toledo; esse poder, que engana, que mente, que fanatiza, tem em cada povoação uma ou varias igrejas, um ou varios ninhos de furiosos inimigos da liberdade e da Republica, com uma cathedra aberta para combater todas as conquistas da revolução».

Não pôde em verdade considerar-se, pois, senão como enganosas promessas tudo quanto os reaccionarios proclamem em favor das classes opprimidas. A solução burgueza, com as suas meias-concessões, não pôde de fórma alguma corresponder á ardente sêde de justiça que sobe, em clamorosos protestos, da grande massa dos miseraveis.



## IV

## A nova sociedade

O individualismo, — preconizando uma sociedade em que o Estado tivesse meramente a função de administrar a justiça e manter a defesa dos cidadãos, mas respeitando o direito da propriedade privada e defendendo a livre concorrência, que, nos seus exaggeros, é um dos grandes males, — é hoje, em face dos factos, uma doutrina abandonada. D'ella ha porém a aproveitar toda a critica feita ao Estado, sendo de notar como o proprio Spencer se queixa de com os seus livros se fazer propaganda anarchista na Australia.

O erro do individualismo consiste em não attender inteiramente ás relações da vida social e em suppôr que, restringida que fosse a acção do Estado, tudo se comportaria da melhor forma possível. Attendeu unicamente á questão politica, deixando no mesmo estado, se não exaggerada nos seus defeitos, a situação economica.

O individualismo na industria seria o triumpho dos ricos, com toda a série de injustiças que isto representa. A propriedade individual por si só é a origem d'uma grande parte dos males da humanidade, por isso que, para a exclusiva utilidade d'uns, impede o direito dos outros.

Com a propriedade privada permaneceria o mesmo systema de exploração forçada, a mesma ganancia no industrialismo e no commercio e a mesma miseria no proletariado. Que se

conseguia sobre a sociedade presente? Um pouco mais de liberdade. Mas em favor de quem? Principalmente em favor dos ricos, que, sem restricções, poderiam impôr a sua vontade aos que dependessem do capital. E, se alguma vez a revolta crescesse nas classes opprimidas, lá estaria o Estado-Gendarme para manter a ordem.

A nova sociedade, em que pomos toda a esperança d'um futuro de justiça, não é pois a preconizada e defendida pelos individualistas.

Em opposição com a corrente individualista, o socialismo tem vindo radicando-se d'uma maneira prodigiosa em todos os espiritos cultos. Ao contrario do individualismo, a doutrina dos socialistas attende principalmente á organização economica, preocupando-se pouco com a questão da liberdade. É esse mesmo um dos seus grandes defeitos, como teremos occasião de observar.

Sam duas as principaes correntes socialistas: a communista e a collectivista. Tratemos em primeiro logar do collectivismo.

O collectivismo, encarando-o sob um dos seus aspectos, proclama a propriedade commum dos meios de producção e a distribuição da riqueza segundo o trabalho de cada um.

A primeira difficuldade nestas duas ideias aparentemente tam simples é a da impossibilidade de fazer manter um tal regimen sem que o Estado, que vem substituir em tudo a iniciativa particular, se escude por um exercito numeroso e permanente, com todos os defeitos e vicios da caserna. Essa policia de novo genero, disseminada por toda a parte, tendo interferencia em todòs os actos da nossa vida, vigiando-nos, dirigindo-nos, impondo-nos ordens, seria a maior das humilhações num tempo que se vangloriaria de civilizado.

Assim a auctoridade, aparentemente uma delegação do povo, constituiria a mais revoltante das hierarchias numa

epoca em que se proclamava a era do trabalho. Essa classe parasitaria seria, pelos habitos de superioridade que iria adquirindo, um perigo sempre posto de retrocesso a tempos ainda mais iniquos do que o presente.

Pois quem nos garantiria que a classe dominante, melhor defendida do que hoje, não realizaria sobre todos a maior das oppressões? Que importa que toda essa classe fosse tirada electivamente do voto popular? Uma vez eleita, ella poria em pratica pouco a pouco o nosso systema electivo de hoje e acabaria por constituir uma classe perfeitamente distincta do resto da sociedade.

Isso é de todos os tempos. Os que uma vez attingiram a auctoridade, esquecem bem depressa a condição d'onde provieram, por mais humilde que tenha sido. No proprio movimento socialista, os chefes, que não tẽem a importancia auctoritaria que no futuro conquistariam, sam já pequeninos despotas, torcendo á sua vontade a orientação dos acontecimentos, abafando aqui os protestos d'um grupo, deturpando mais além as reclamações d'um outro. Numa sociedade em que elles fossem os senhores, ver-se-hia como em pouco tempo esqueceriam o povo que os erguera, o povo d'onde elles mesmos procedem. Bem humilde era o Bonaparte, e, ao sentir-se o grande Napoleão, pretendeu dominar o mundo.

Essa pressão auctoritaria, essa cooperação forçada, que seria a fórmula social do futuro, a realizar-se o socialismo, é tudo quanto ha de mais contrario á liberdade. Tudo seria imposto num tal regimen, ficando a iniciativa particular constantemente dependente do Estado.

Hoje o operariado, sentindo injusta qualquer exigencia dos patrões, proclama-se em greve. Como se resolveria um d'estes conflictos no futuro, desde que o patrão passava a ser um só e esse bem armado? Em vez d'uma greve, teria de fazer-se uma revolução.

O socialismo faz assim da questão social uma questão do

estomago. A seu ver, a humanidade o que precisa é de regularizar a sua situação económica. Para isso nada mais fácil: o Estado impõe uma nova situação. Elle se encarrega de estabelecer as condições em que toda a vida económica tem de funcionar, ninguém senão elle intervirá para declarar a forma de trabalho, a sua distribuição e a sua remuneração. Haverá, é verdade, menos liberdade de acção. Mas isso que importa, desde que a todos estará garantido o pão?

E assim contra esta felicidade imposta, decretada, ninguém poderá oppôr-se, a menos que não queira amargar o resto dos seus dias no fundo d'uma prisão. É este o maximo de perfectibilidade a que pôde chegar a concepção socialista.

No entanto esquece-se a grande questão da justiça, isto é, da equidade. Restringe-se a liberdade dos individuos, convertendo-os num rebanho de ovelhas, e faz-se peor ainda: distribue-se a riqueza segundo o trabalho de cada um, por imposição e determinação do Estado, que seria neste ponto o unico arbitro.

Em primeiro lugar é injusto o modo de distribuir a riqueza. D'esta fórma os menos aptos, tendo o mesmo direito á vida, porque não eram responsaveis de assim terem nascido, ficariam em condições menos favoraveis de que os outros. E, quando fossem absolutamente incapazes de trabalhar, soffriam a humilhação da caridade, porque outra significação não poderia ter o auxilio que a sociedade lhes prestasse, desde que a moral do tempo fazia dos que melhor trabalhassem os homens mais respeitadas.

E que razão haveria para que o trabalho d'um homem mais habil, feito sem tanto esforço, fosse mais bem remunerado do que o de outro homem, realizado com um esforço maior? Entre as abelhas ha algumas que sam alimentadas melhor do que as outras, trabalhando todo o enxame para lhes trazer o mel que lhes serve de alimento. Mas isso explica-se: é porque essas precisam d'essa alimentação assim

para prover ás necessidades da grande postura de ovos a que sam destinadas. Porém entre os homens o dispendio organico que o trabalho exige não requer nunca uma tal superioridade de situação economica sobre os outros, ficando uns condemnados a quasi morrer de fome, enquanto que outros se deleitam nos requintes da gula.

Numa sociedade equitativa, em que se attenda ao bem estar de todos, não póde tomar-se o trabalho para critério d'uma distribuição da riqueza commum. Isso seria lançar a uma situação inferior e por vezes precaria um grande numero de individuos a quem certas circumstancias, como a constituição physica, educação, intelligencia, não sam favoraveis. E não será justo que além de tudo isto, que já deve ser-lhes motivo de infelicidade, elles tenham ainda a tortura de ser supplantados pelos outros na partilha da riqueza collectiva.

Um outro ponto merece ainda reparos. O trabalho, para ser remunerado, tem de sujeitar-se a uma classificação. É em face d'uma tabella que tem de ser pago. Ora tudo isso ha-de ser regulado pelo Estado.

D'onde resulta uma injustiça ainda. Como póde avaliar-se o trabalho? Que relação de comparação haverá entre o trabalho d'uma costureira e o d'um pedreiro ou d'um musico? Será medida d'esse trabalho o esforço empregado? Atender-se-ha á qualidade do trabalho? Avaliar-se-ha pela necessidade do objecto produzido?

Outras tantas questões a resolver e de difficil solução. Só arbitrariamente se poderá dizer que o trabalho d'um escriptor valé 10, enquanto que o trabalho d'uma creada de servir vale 3. E isto porque, ainda que pudesse com exactidão medir-se o valor do trabalho, teriamos de fazer entrar em linha de conta o trabalho preparatorio realizado antes, á que se chama a aprendizagem, e nesse trabalho descontar ainda a parte que a sociedade nelle teve. Seria d'uma tal

complicação tudo isto, que chega a não comprehender-se como sobre uma base tam incerta se pretende assentar o criterio para a distribuição das riquezas.

Depois, um tal regimen, pela desigualdade da situação economica, manteria necessariamente a distincção de classes e a subordinação d'essas classes umas ás outras. E a questão da egualdade continuaria a ser uma coisa para resolver-se.

E, se é bem verdade que a doutrina impunha que a propriedade individual ficaria abolida, ou melhor que se fazia a socialização do solo e da industria, não é menos certo que a propriedade mobiliaria, que é já hoje superior em muitos casos á immobiliaria, seria individual, apartando-se assim os homens pelas mesmas differenças economicas actuaes, havendo como hoje ricos e pobres.

A lucta economica teria ainda as desastrosas consequencias de hoje, desde que a producção fosse determinada pelas vendas que pudessem realizar-se e não pelas necessidades reaes do consumidor. Os bonus do trabalho, da mesma fórmula que o dinheiro de hoje, traziam o regimen da concorrência actual. A ganancia substituir-se-hia á preocupação natural de prover ás necessidades de toda a gente e a humanidade continuaria a retalhar-se pelos egoismos vis.

Por tudo isto eu entendo que não é o socialismo collectivista a fórmula definitiva e perfeita da sociedade.

O socialismo communista corresponde melhor aos interesses da vida social. Realizando a apropriação commum dos meios de producção e dos meios de consummo, elle impede radicalmente a formação da propriedade individual, que é a origem de tantas discordias e miserias; distribuindo a riqueza segundo as necessidades de cada um, encontra um criterio mais egualitario e mais racional para essa distribuição.

Porém suppõe ainda o Estado-todo-poderoso senhor dos ceos e da terra e tendo interferencia em todos os actos que

se realizassem. E contra isto permanecem ainda os mesmos argumentos já apresentados.

Não será pois também o socialismo communista a fôrma que a sociedade ha-de atingir.

A nova sociedade realizar-se-ha, a nosso ver, de harmonia com a concepção anarchista.

Os primeiros anarchistas, proclamando a liberdade individual em absoluto, affirmaram apenas um individualismo exaggerado, sem consequencias praticas. Póde dizer-se que morreu com os primeiros propagandistas.

Não é pois a esse anarchismo, que afinal também defende a propriedade privada, origem das longas dissidencias economicas, que nós nos referimos. Nem mesmo ainda ao anarchismo tolstoiano, admittindo a religião, que para nós já não representa a coordenação social, que póde obter-se por outros meios de solidarização.

É preciso conciliar os interesses do individuo e os interesses da collectividade. Quer dizer, attender-se á liberdade de cada um e á organização social. Para isso tomaremos o individualismo no que elle tem de aproveitavel: a sua opposição ao Estado, levando-a até ao seu extremo — a negação completa da auctoridade; e tomaremos o communismo, tirando-lhe a feição socialista, isto é, auctoritaria. Assim se terá realizado a fôrma nova a que chegou a concepção revolucionaria — o communismo anarchista.

Anarchia e communismo — aqui estão duas palavras que parecem contradizer-se. No entanto nada ha de mais harmonico. A dentro de cada communa será respeitada inteiramente a liberdade individual e será ao mesmo tempo attendido o interesse commum. As necessidades do grupo levá-lo-hám a respeitar essa liberdade em cada um dos seus membros; e estes por seu turno individualmente, para satisfazerem as suas necessidades, attenderám os interesses da communidade.

Para cada grupo entra-se e sahe-se livremente, sendo-se nisto só determinado pelas affinidades que cada individuo possa ter com os que vam ser seus camaradas de trabalho.

A autonomia que se dá d'um individuo relativamente ao grupo a que pertence, dá-se da mesma fôrma de grupo para grupo. Para melhor prover ás necessidades dos seus membros, os grupos federar-se-ham livremente, com o direito de romper o contracto quando queiram. D'esta fôrma a liberdade nunca perigará.

Assim se estabelecerám as trocas entre os grupos. E dentro de cada um d'elles far-se-ha a distribuição da riqueza segundo as necessidades individuaes dos seus membros.

Todo este systema equitativo produzirá benéficos resultados, firmando uma moral nova, de solidariedade e de inteira justiça. Socialmente ter-se-ha entrado na mais perfeita comunidade de aspirações e de interesses, realizando-se a egualdade tantas vezes sonhada.

Constituidos os grupos, segundo as affinidades dos individuos que os compõem, o trabalho realizado livremente será sem duvida superior ao trabalho actual, o que trará como consequencia os maiores aperfeiçoamentos na industria e em todas as outras manifestações da actividade humana. A sciencia e a arte libertar-se-ham de vez de todas as pechas, para triumpharem á luz da razão e da verdade.

Biologicamente ter-se-ha feito também um notavel progresso. Pelo amor livre dar-se-ha a verdadeira approximação physiologica, que mesquinhos interesses materiaes não perturbarám, e isto trará como consequencia o depuramento da especie. Então terá applicação a theoria darwinista: triumpharám os mais fortes, por isso que os fracos, procurando-se instinctivamente, ir-se-ham extinguindo, obedecendo á lei da sua cada vez maior infecundidade.

E ter-se-ha então achado a formula perfeita da vida social. Dirám talvez que estamos a crystalisar num estadio da civi-



lisação o progresso humano. Convém pois explicar aquellas palavras.

Nós temos da evolução a ideia geral que toda a gente d'ella fórma. Simplesmente, quanto a certos phenomenos sociaes, nós temos de fazer algumas restricções a esse modo de pensar corrente.

Comprehendemos bem o que seja a evolução da sciencia, da arte, da industria, porque comprehendemos o que seja a evolução da humanidade. A linha ascencional não se interromperá jámais. O caminho da perfectibilidade será illimitado. Para além de nós haverá sempre em todos os tempos novas maravilhas a realizar.

Porém o que não comprehendemos bem é o que seja a evolução religiosa. O que não comprehendemos bem é o que seja a evolução politica. Em religião esta pseudo-evolução realiza-se no sentido do atheismo. Em politica no sentido do anarchismo.

Portanto a marcha evolutiva num determinado momento interrompe-se e pára. Está attingido o fim.

De zero em deante pôde estabelecer-se indefinidamente uma linha de algarismos sem interrupção; mas d'um determinado algarismo para trás ha-de necessariamente vir a parar-se em zero. Ora em religião ou em politica a evolução é puramente negativa. Attingido o zero, tudo terminou.

A verdadeira evolução seria a inversa. Em religião poderia sempre suppôr-se um estado de maior religiosidade e evolucionar-se para elle. Em politica poderia sempre imaginar-se um estado de auctoridade mais rigorosa e seguir-se para elle. Mas no caminho para a não-religião ou para a não-auctoridade, desde que se attinja uma ou outra, é impossivel encontrar nada mais perfeito.

Sem que isto signifique que acceitamos a theoria organista, vamos, por meio d'um exemplo, para melhor frisar a nossa ideia, procurar pôr nitidamente a questão. Supponha-

\*

mos um medico seguindo a doença d'um seu cliente. Tome-mo-lo no ponto preciso em que ella começa a declinar. Chamemos a isto a evolução no sentido do restabelecimento. Dia a dia o medico irá notando os progressos da convalescença e escrevendo notas no seu boletim. O doente, se o seu restabelecimento fôr demorado, habituar-se-ha por tal fórma a essa lentidão que julgará que a cura não virá nunca. Que dirieis, sabendo que todos os dias elle melhorará e que a cura é uma questão de tempo, a quem vos fallasse num progresso infinito d'esse estado em que o doente se vae encontrando dia a dia? Responderieis certamente: desapparecida a doença, que estava a perturbar o natural funcionamento d'esse organismo, nada mais ha sujeito ao progresso do que o proprio organismo obedecendo ás suas leis normaes; já se não trata da continuação do restabelecimento, é o proprio restabelecido que vae evolucionar.

Ora fazei d'essa doença uma doença mais longa, d'uns poucos de seculos por exemplo, e d'esse doente a humanidade, e tereis o mesmo caso. Religião, auctoridade, não sam mais do que doenças que tẽem vindo durante muito tempo a perturbar a natural evolução humana.

Segundo a concepção anarchista, a humanidade, perturbada no seu caminho, deve ser a elle reconduzida. Mas o ideal anarchista não se resume nisto apenas. Elle préga para além d'isto a felicidade progressiva dos homens.

Em cada defensor da anarchia, ha, acima de tudo, um defensor da humanidade. Pela humanidade é que elle é pela anarchia; realizada esta, o seu ideal não crystalizou e morreu, segue ainda. Mas esse progresso não é já uma questão politica: é o cuidado pelo aperfeiçoamento da humanidade, é o trabalho da industria, da sciencia, da arte, emfim de todas as grandes manifestações da actividade social.

A humanidade só entrará neste caminho, desde que tenha attingido a anarchia, que é, repitamo-lo, na ordem politica,

por isso que é a negação de toda a politica, o maior estado de perfectibilidade. E assim, a nova sociedade, assentando na justiça, será em tudo e por tudo o mais flagrante contraste com a sociedade presente.

Com o communismo libertario acabará toda a exploração, toda a miseria, toda a infamia. O crime, que tem como causa ou a satisfação immediata de necessidades urgentes ou uma tara degenerativa, desapparecerá também; desde que a todos serão garantidos os meios de subsistencia, e, pela boa alimentação e educação physica, se evitará um grande numero de degenerados. A prostituição, que é hoje originada principalmente pela miseria, extinguir-se-ha. Todos os grandes males deixarão de atormentar a humanidade.

E começará então a praticar-se na terra o bem, a verdade e o amor.

---

por los que el progreso de la vida y cultura en un estado  
de bienestar. El asunto a que se refiere es el asunto  
de la vida, que en un estado de bienestar, el progreso  
de la vida y cultura en un estado de bienestar.  
El asunto a que se refiere es el asunto de la vida,  
que en un estado de bienestar, el progreso de la vida  
y cultura en un estado de bienestar. El asunto a que  
se refiere es el asunto de la vida, que en un estado  
de bienestar, el progreso de la vida y cultura en un  
estado de bienestar. El asunto a que se refiere es el  
asunto de la vida, que en un estado de bienestar,  
el progreso de la vida y cultura en un estado de  
bienestar. El asunto a que se refiere es el asunto de  
la vida, que en un estado de bienestar, el progreso  
de la vida y cultura en un estado de bienestar.

I

A LUCTA ECONOMICA

A LUTA ECONÓMICA

### Associações operarias

É em meados do século XIX que em Portugal começa a desenvolver-se o operariado, tomada a expressão num sentido restricto e designando mais uma classe de certo modo unida e organizada do que uma determinada categoria de individuos disseminados, sem uma comprehendida relação de interesses que os ligue, mas tendo caracteres communs e assim abstractamente formando grupo em face do classificador. Não havia até então operariado: havia operarios. E da mesma fórma que hoje ainda não podemos abranger com aquelle termo os trabalhadores dos nossos campos com o rigor com que o fariamos, se assim designassemos os trabalhadores ruraes da Russia, não devemos considerar o operariado portuguez senão desde pouco mais ou menos 1838.

Se nos collocassemos no segundo dos dois pontos de vista em que acima indicamos se poderia tomar esta expressão, teriamos de remontar o nosso estudo ao proprio momento em que acaba a servidão em Portugal. Poderiamos mesmo ir mais além, porque para nós a differença entre o operario de hoje e o escravo não é tam radical como em geral parece, desde que o encaremos sob o aspecto da sua situação economica. Tudo isso porém resultaria sem interesse para o fim que temos em vista: porque na verdade operariado, cujo movimento deva registrar-se, só o encontramos de 1838 para cá.

Sendo o seu primeiro signal de vida o desenvolvimento associativo, é nessa data que nos apparece a mais antiga associação operaria de que temos noticia, a Sociedade dos Artistas Lisbonenses. Claramente que, para assim dizermos, não consideramos associações operarias, com a significação que hoje se liga a estas palavras, instituições como as irmandades, já então existentes, da Senhora da Purificação e de S. Chrispim, sob cuja invocação se reuniam respectivamente os alfaiates e os sapateiros. Tomaremos pois o movimento do operariado no preciso instante em que, numa melhor comprehensão, elle começa a libertar-se de influencias religiosas e vem formar á parte, com organização propria e independente, velando d'ahi em diante mais pelos seus interesses.

É a Alexandre Fernandes da Fonseca que se deve a fundação da Sociedade dos Artistas Lisbonenses. Humilde homem do povo, que veiu a morrer como porteiro do palacio de Queluz, não foi a illustração, que não tinha, que o levou á interessar-se tam profundamente pelos operarios, creando a sua primeira associação.

Costa Goodolphim, que d'isto nos informa, accrescenta que esse homem honesto não fôra a isso levado tambem intuitivamente, mas que sentira a necessidade d'um gremio operario, pelo facto de já anteriormente em Portugal o principio associativo se ter começado a radicar, pois que d'uma maneira geral não pôde dizer-se que a Sociedade dos Artistas Lisbonenses fosse a primeira instituição associativa creada no nosso paiz. Seguidamente, em abono da sua affirmação, o mesmo escriptor faz referencia ás seguintes associações, além do Monte-pio da Associação Philharmonica, que pouco antes havia sido fundado (1834):

Monte-pio do Senhor Jesus do Bomfim, fundado em 1807. Em 1826 faziam parte d'este monte-pio apenas os operarios do arsenal imperial e real do exercito. Em 1889 faziam d'elle parte unicamente os operarios do arsenal do exercito.



Monte-pio de Jesus Maria José, fundado em 1822. Foi seu principal iniciador José Rodrigues Patronilho, operario do arsenal do exercito. Este monte-pio servia só para os operarios do arsenal.

Associação dos Ourives de Prata, uma das mais antigas associações de Lisboa «sendo difficil precisar a data da sua organização e determinar com todo o rigor historico as epochas de muitos privilegios que mereceu esta classe.

«Esta confraria denominava-se de Nossa Senhora da Assumpção e Santo Eloy, tendo ainda mais por patronos a Santo Andronico e a Santa Athanasia.

«O titulo de Nossa Senhora da Assumpção data ao que parece do tempo de D. Manuel, porquanto os ourives da prata collocaram nessa epocha, na rua dos Prateiros, uma Senhora com aquella invocação, num pequeno nicho, fazendo uma solemne festividade no dia 15 de agosto, sendo aquella rua ornada com altares de grande riqueza. Pelo alargamento a que se procedeu na rua dos Prateiros, foi destruido o nicho, e então os confrades deliberaram edificar uma ermida para a Senhora da sua devoção, edificação que teve principio em 1867».

Era distincta da de Santo Eloy a confraria da Senhora da Assumpção «supposto que ambas governadas pelos mesmos ourives da prata». Apesar de serem administradas por individuos que eram socios de ambas, pois que «nenhum ourives da prata era admittido na confraria de Santo Eloy sem primeiro pertencer á confraria de Nossa Senhora da Assumpção» muitas vezes se suscitaram polemicas «entre os confrades, e tam vehementes eram que tinham as auctoridades superiores de resolver os seus pleitos».

Teve esta corporação entre outros privilegios o da aferição de pesos e medidas da cidade de Lisboa, o qual lhe foi retirado em 1864.

Em 1889 possuia mais de 60 socios e tinha um capital

nominal de 51:2007000 réis. E remontando um tanto mais longe, Goodolphim cita ainda «a corporação dos livreiros, que data de 1460».

Demonstrado fica pois que a ideia da criação d'uma sociedade como a dos Artistas Lisbonenses não era completamente nova naquelle tempo. A Fernandes da Fonseca, e nisto está o maior valor d'esse homem, deve-se porém o tê-la posto em pratica, organizando a sua associação com uma mais larga comprehensão de princípios. Os fins da Sociedade dos Artistas Lisbonenses sam já mais harmonicos com os interesses dos operarios.

A Sociedade dos Artistas Lisbonenses, creada para ministrar soccorros aos associados em caso de doença, estabelecer pensões ás viúvas e orphãos e sustentar uma aula de instrucção primaria, não limitou a isso a sua acção. Goodolphim dá-nos mais os seguintes informes:

«Em 1856 tratou da federação das associações.

«Os pontos em que assentaram eram os seguintes: a confederação era composta de tres representantes de cada associação. Tinha por fins promover que se creassem as associações confederadas; promover associações nas artes ainda não associadas, estabelecer relações com todas as associações em Portugal. Concorrer para se realizar uma exposição ao menos triennial. Crear um monte-pio para as viúvas dos socios; organizar uma bibliotheca industrial e recreativa; publicar annualmente um relatorio das associações confederadas, etc.

«Não teve outro resultado além da discussão».

Em 1840 fundaram-se algumas associações de soccorros mutuos, onde os operarios procuravam em certo modo precaver-se contra as eventualidades da sua existencia desprotegida, sempre á mercê da exploração torpe do capital. No mesmo movimento de philantropia e ainda sem uma rasgada orientação de revolucionario, surge um pouco mais tarde

→ Francisco Maria de Sousa Brandão, que foi o primeiro homem que em Portugal prestou um decidido apoio de propaganda e de acção ao associacionismo operario. Contribuiu para a fundação de muitas associações de soccorros mutuos, cooperativas de consumo, de producção e bancos populares e redigiu com Lopes de Mendonça e mais tarde tambem com Vieira da Silva *O Eco dos Operarios*.

→ D'este jornal, publicado em 1850 e que foi o primeiro periodico operario, nasceu a Associação Operaria.

Em face dos estatutos publicados no *Eco dos Operarios* vê-se que esta associação tinha por fim fundar um banco, um conservatorio e uma bibliotheca, e organizar um monte-pio, uma secção de agencia para adquirir o material necessario para a producção industrial e uma commissão para resolver as questões de interesse industrial.

→ Com quanto essa associação não tenha tido um grande desenvolvimento e antes não tenha sido mais do que um ensaio, na opinião de Goodolphim, o que é certo é que, attentas as circumstancias da epoca e as enormes difficuldades que era preciso vencer para crear uma d'essas instituições operarias, já pela relutancia dos patrões, já pelo vicio inveterado do operario em preferir agremiar-se nas irmandades, a Associação Operaria marca uma nova phase no movimento de organização, apenas vagamente esboçado na Sociedade dos Artistas Lisbonenses. Ha agora uma maior firmeza, um proposito mais decidido de formar um nucleo, se não de resistencia ao patronato, pelo menos de ampla protecção aos operarios. Ha sobretudo o que faltára ao principio, homens de certo merecimento, habilitados a fazer a vulgarização das vantagens do systema associativo, creando um jornal a isso destinado exclusivamente, realizando conferencias elucidativas, fazendo derivar com intelligencia a corrente operaria num sentido mais independente e livre.

Pouco tempo depois creava-se o Centro promotor dos me-

lhoramentos das classes laboriosas. A primeira reunião que se realizou para promover a sua fundação fez-se na Associação dos alfaiates e a segunda na Sociedade dos Artistas Lisbonenses em 1852.

O Centro promotor teve um importante papel no desenvolvimento da associação operaria em Portugal, e a elle se deve em grande parte, como terei occasião de referir em outro lugar, a organização em partido do proletariado portuguez.

Entre butros trabalhos, conseguiu reunir em 1866 o chamado Congresso Social, em que foram propostas varias questões economicas das associações. Além d'isso o Centro interessou-se vivamente pela organização das sociedades cooperativas, discutindo este assumpto e chegando a elaborar um projecto de estatutos que foram distribuidos em folheto pela classe operaria.

Tendo tambem em vista a instrução do operario, o Centro inaugura em 14 de janeiro de 1871 a sua bibliotheca, formada com livros offerecidos pelo governo e por muitos dos homens que nesse tempo começavam a interessar-se pela causa operaria.

«Para se considerar a importancia que chegou a alcançar o Centro promotor — diz Goodolphim — basta lembrar que o governo o considerava como o Centro das associações operarias; assim vemos o sr. Antonio José d'Avila (hoje marquez) pedir em 1863 ao Centro para que este lhe fornecesse a relação das associações existentes no paiz, para encorporar no relatorio que foi apresentado no congresso de Berlim.

«Ao Centro dirigiu tambem o ministro do reino uma portaria para convidar as associações a assistirem á inauguração do monumento a Camões.

«Nas pendencias que se levantavam no seio das associações era convidado o Centro a ser o juiz».

E realmente o Centro promotor, sendo por esse tempo a

→ associação operaria de maior destaque, era tambem aquella que um maior empenho tinha posto ao serviço do operariado portuguez. D'ahi lhe vinha a grande importancia em que foi sempre tido, sendo pelos operarios considerado uma como que direcção central d'onde irradiava para as outras associações a orientação de quasi todos os emprehendimentos que as classes associadas poderam levar a cabo.

Com a historia do Centro promotor prende-se intimamente o desenvolvimento das cooperativas em Portugal. Foi nessa associação que estas instituições tiveram uma propaganda mais persistente / sobresahindo entre os adeptos mais enthu-siastas do cooperativismo José Fontana e Sousa Brandão.

¶ Não era porém até então completamente desconhecida no paiz esta fôrma de sociedade. Bem pelo contrario, é uma das nossas instituições mais antigas, sendo até secular. Sam um exemplo de cooperativismo os compromissos maritimos. E, como nota Goodolphim / a ideia das cooperativas encontra-se «ainda em toda a sua pureza nas aldeias mais afastadas das provincias do norte, principalmente em Traz-os-Montes /

¶ «Nestas aldeias encontra-se um systema pratico de cooperação. Possuindo cada um o seu bocado de terra d'onde tiram o indispensavel para viver, não tõem dinheiro para satisfazer salarios, quando os trabalhos agricolas precisam de braços. Reunem-se então os individuos da localidade e trabalham uns dias numa terra, depois noutra e assim successivamente completam a sua faina. Em cada propriedade em que termina a labutação, o dono tem por dever recom-pensar os seus cooperadores com um jantar em que todos alegremente se banqueteiam. E assim, por esta fôrma, o trabalho em commum substitue o dinheiro».

Outra fôrma de cooperação no trabalho é a do fabrico da telha. Usa-se principalmente no Minho e Douro. Para a formação d'uma d'essas cooperativas basta um pequeno numero

de individuos e o capital sufficiente para comprar um bocado de barro e alugar uma tira de terra onde possa construir-se um forno e uma cabana de abrigo. Vencidas estas pequenas difficuldades, começa o trabalho, e, desde que está fabricada a telha cuja venda é certa, é dividida entre os socios cooperadores e dissolvida a sociedade.

Porém todos estes grupos cooperativos têm uma existencia ephemera e surgem intuitivamente, sem a comprehensão do seu valor, não podendo assim ser considerados como verdadeiras sociedades cooperativas. Representam apenas a ideia tradicional do cooperativismo.

As primeiras cooperativas, com forma scientifica, sam as promovidas pelo Centro. Foi nesta sociedade que o principio cooperativista se discutiu largamente e se lançaram os primeiros trabalhos para que entre nós começasse de ser posto em pratica. Em 1867, despertado pelo movimento de propaganda que vinha sendo feito, o governo regulariza por lei de 2 de julho a organização das cooperativas e concede-lhes a isenção do imposto do sello e ainda de qualquer contribuição nos lucros alcançados. E de 1871 em diante, apesar das classes populares, pela sua muita ignorancia, mal comprehenderem ainda a utilidade d'essas instituições, toma em Portugal um certo impulso o cooperativismo.

Fundaram-se então em Lisboa as seguintes sociedades cooperativas:

De consumo — Sociedade de consumo Alliança Popular (1871), Sociedade de consumo Alliança Xabreguense (1871), Sociedade de consumo Progresso Popular (1872), Sociedade de consumo Economia Social (1872), Sociedade de consumo 1.º de Dezembro (1873).

De produção — Fabricantes de tecidos colxoeiros (1873), Serralheiros Industria Social (1873), Chapeleiros fulistas (1875).

Em Oeiras tambem se organizou uma sociedade coopera-

tiva de consumo com o titulo 19 de Dezembro. E em Cintra a Sociedade Cooperativa D. Fernando II.

Por esse tempo fundou-se a Associação dos trabalhadores na região portugueza. Resultou da fusão das seguintes associações: de Trabalho nacional, fundada em 1871, de Fraternidade operaria, Fraternidade agricola, Fraternal dos trabalhadores, Associação de todas as classes trabalhadoras, Fraternal barreirense e Fraternidade operaria do Porto, fundadas em 1872.

Estas associações tinham por fim a organização do trabalho num sentido mais harmonico com os interesses dos operarios. D'entre ellas merece especialização a Associação protectora do trabalho nacional, que foi a primeira associação de resistencia fundada em Lisboa.

O fim da Associação dos trabalhadores na região portugueza era a regularização do tempo e condições do trabalho, o salario, as relações com os possuidores dos instrumentos de producção. Além d'isso deveria instituir escolas e bibliothecas, desenvolver a cooperação e o credito. A organização do trabalho deveria fundar-se na solidariedade social.

Mais ou menos o movimento cooperativista tem continuado até hoje. São rarissimas porém as cooperativas que, mesmo fundadas no meio dos maiores enthusiasmos, não sossobram pelas grandes difficuldades economicas.

Assim têm hoje um valor meramente historico, porque já se extinguiram, as seguintes:

Cooperativa de consumo da Companhia de lanificios de Arrentella. Estabeleceu esta companhia em 1862 uma mercearia para os seus operarios. Liquidou ao fim de seis annos, com um deficit de dois contos de réis.

Sociedade de consumo dos livreiros e encadernadores. Fundada em 1873. Foi creada para promover, por meio da união da classe, a uniformidade dos preços da producção, chegando para isso a organizar-se uma tabella; e para for-

necer as materias primas e ferramentas aos socios. Chegou a ter um fundo superior a 450,000 réis.

Sociedade cooperativa de consumo Perseverança, fundada no Funchal em 1875 e extinta em 31 de março de 1882. Chegou a ter um capital de dois contos de réis. Liquidou com um grande prejuizo para os socios.

Sociedade cooperativa de producção Progreso e Trabalho. Fundada em 1876. Tinha por fim estabelecer officinas para a execução de todos os trabalhos pertencentes á manipulação dos tabacos, depositos para promover a venda dos seus artefactos, melhorar as condições futuras dos associados e auxilia-los na sua inaptidão para o trabalho.

Club operario de Setubal. Foram publicados os seus estatutos em 1877. Tinha por fim estabelecer uma bibliotheca, gabinete de leitura e aulas, jogos, saraus, etc., fornecimento de generos de consumo e uma caixa para auxilio dos associados sem trabalho.

Club operario. Publicou os seus estatutos em 1877. Parece que não chegou a funcionar.

União operaria. O fim d'esta sociedade era a producção de calçado. Empregava nove operarios.

Chapeleiros fulistas. Liquidou em 1878, em virtude d'um desfalque resultante da quebra de dois credores.

Sociedade util e economica, fundada no Porto em 1880. Tinha por fim comprar todos os meses uma inscripção de arrendamento da Junta do Credito Publico sendo 50 o numero de socios, ou duas inscripções sendo 100 os socios.

Sociedade cooperativa e caixa economica de Lisboa. Fundada em 1883. Tinha como fim fornecer aos socios as materias primas da sua industria, machinas, ferramentas, etc., moveis e utensilios domesticos; manter cozinhas economicas, padaria, talhos, lojas de mercearia, etc.; fazer operações de credito, emprestando aos socios as quantias precisas para a construcção de casas, bairros, fabricas, lavadouros, etc.



Terminou com um prejuizo para os socios parece que de 50 0/0.

A Lusitana. Fundada em 1896. Tinha por fim a exploração dos vehiculos para o serviço publico em Lisboa e assistencia ás classes operarias. Em 1898 as suas receitas elevavam-se a 144 contos e as despesas a 138 contos. Em 1900 tinha em serviço 28 carros, occupando 248 empregados. Teve uma receita de 112 contos por anno, o que é importante, visto que só as licenças para os carros circularem na cidade lhe custavam 19 contos annuaes. Acabou devido á constituição do monopolio da viação electrica concedido á antiga companhia dos americanos.

A Libertadora. Era uma cooperativa de panificação. Acabou pela má administração da sua ultima direcção.

Actualmente existem, entre outras, as seguintes cooperativas:

Lisboa — De producção: Industria Social (fundição de artigos em ferro e bronze), Canteiros, Entalhadores de Lisboa, Rouparia Social (alfaiataria e gravataria), A Social (de chapellaria), Estofadores e decoradores, Instituto das artes graphicas, Tanoeiros. De consumo: 17 de Outubro de 1895, Esperança, 9 de Agosto de 1886, 18 de Março de 1886, A Fraternidade, Alliança Operaria. De producção e consumo: A Persistente (de pão), Operaria Oriental. De credito e consumo: Operaria do Beato e Poço do Bispo, Caixa economica operaria, 1.º de Abril de 1888, A Xabreguense. De construcção e credito: A Occidental 1.º de Janeiro de 1901, Construcção Predial.

Almada — De consumo: Almadense 1.º de Janeiro de 1891, Operaria do Olho de Boi, Piedense, 1.º de Janeiro de 1895.

Barreiro — De consumo e edificacão: Operaria Barreirense.

Thomar — De producção e consumo: A Social Thoma-

rense (de officios varios, com secção de sapataria e padaria). De credito e consumo: A Nabantina (dos operarios thomarense).

Figueira da Foz — De consumo: Carpinteiros.

Porto — Casa do Povo, com secção funebre e typographica, Mobilia de ferro (fabricantes de), A União (dos chapeleiros), A Conquistadora (dos tamanqueiros), Pintores portuenses, Estucadores portuenses, Consumo dos operarios.

Villa Nova de Gaya — Augusto Fuschini, Anthero de Quental, Protectora do Proletario, União e trabalho, Credito e consumo, A Luz do Operario, União de Pedroso, Operarios grijoenses, Operarios metallurgicos.

Covilhã — A da Fabrica Velha.

A mais importante das cooperativas de producção é a Industria Social. Em 1890 tinha um activo de 70 contos e um passivo de menos de 25; isto é, um capital effectivo de 45 contos. Tem edificio proprio.

Das cooperativas de credito e consumo a mais importante é a Caixa Economica. O seu capital era em 31 de dezembro de 1888 de 9:400~~7~~213 réis. O fundo de reserva nesse anno era de 1:183~~7~~068 réis e as suas compras foram na importancia de 13:527~~7~~110 réis.

E sam estas, entre todas, as duas mais importantes cooperativas actualmente existentes.

Além das sociedades cooperativas, devemos registrar algumas das associações de classe existentes e que, mais ou menos, na resistencia economica contra o capital, têm prestado serviços.

Sabemos das seguintes:

Lisboa — Carpinteiros Civis, Pintores da construcção civil, Compositores typographicos, Officiaes de alfaiate, Operarios da Companhia das Aguas, Pedreiros, Refinadores de assucar, Officiaes de barbeiro, Impressores typographicos, Operarios

encadernadores, Conductores e cocheiros, Descarregadores de mar e terra, Manipuladores de farinhas, Chapeleiros, Corretores de hotéis, Catraeiros do porto de Lisboa, União dos jardineiros, Liga dos vendedores de jornaes, Lithographos, Manipuladores de tabaco, Torneiros de metal e canalizadores de gaz e agua, Operarios serralheiros, Torneiros mechanicos, Fundidores de metaes, Fogueiros de mar e terra, Canteiros, Mechanicos em madeira, Vidreiros, Estucadores, Operarios da industria de carruagens, Calceteiros, Fabricantes de armas e officios accessorios, Fabricantes de baguetes e galerias, Ferros velhos, Caixeiros, Latoeiros de folha branca, Lavadeiras, Manipuladores de pão, Operarios sapateiros, Botequineiros na via publica, Maleiros e caixoteiros, Operarios do municipio, Carpinteiros navaes, Manipuladores de bolachas e biscoitos, Vendedores de peixe, Pregueiros mechanicos, Manufactores de tecidos, Operarios de tecidos de seda, Correeiros, Manipuladores de massas e farinhas, Trabalhadores adventicios de carga e descarga de mercadorias, Manipuladores de sabão, Corticeiros, Manipuladores de phosphoros, Tanoeiros, Adelos e annexos dos mercados, Manufactores de tecidos, Oriental.

Almada — Operarios corticeiros, Manufactores de tecidos, Operarios tanoeiros.

Barreiro — Operarios corticeiros, Operarios metallurgicos.

Setubal — Constructores civis e artes auxiliares, Soldadores, Corticeiros, Baldeadores de sal, Trabalhadores de fabricas de conservas, Sapateiros, Maritima, Conductores de sal no rio Sado.

Thomar — Federação, Tecido thomarense, Construcção civil e officios varios, Operarios metallurgicos.

Coimbra — Alfaiates.

Porto — Correeiros e constructores de carruagens, Artes metallurgicas, Marceneiros, Fabricantes de calçado, Polidores de moveis, Refinadores de assucar, Pedreiros, Lithographos, Vendedores e vendedeiras dos mercados ambulantes, Chape-

leiros, Tamanqueiros, Costureiras, Estucadores, Fabricantes de guarda-soes, Artes graphicas, Manipuladores de phosphoros, Tintureiros, Manipuladores de tabacos, Auxiliadora dos manipuladores de tabacos, Tecelões e tecedeiras, Cortidores, Manufactores de sapatos de trança, Pintores, Carpinteiros, Alfaiates, Picheiros e latoeiros, Funileiros e artes correlativas, Operarios tecelões, Tecelões mechanicos, Operarios de lanifícios, Empregados de estabelecimentos de carnes verdes, Operarios fiandeiros, Operarios das pedreiras, Fabricantes de vassouras.

Villa Nova de Gaya — Trabalhadores fluviaes, Artes ceramicas, Tanoeiros, Metallurgicos e annexos, Pescadores na Aforada.

Bouças — Constructores de Mathosinhos e Leça, Trabalhadores maritimos.

Aveiro — Bateiros mercantis e pescadores da Via, Operarios constructores civis.

Figueira da Foz — Carpinteiros civis, Operarios metallurgicos, Tanoeiros.

Beja — Operarios sapateiros, Trabalhadores ruraes.

Silves — Operarios corticeiros.

Covilhã — Manufactores de tecidos, Cardadores, Manufactores acabadores, Carpinteiros, Caixeiros, Sapateiros, Troilhas e pintores, Canteiros e pedreiros.

Das associações de classe uma das mais importantes é a dos compositores typographos de Lisboa, reorganização da antiga Liga das Artes Graphicas. Tem actualmente 800 socios e mantém o Boletim mensal para defesa dos interesses da classe.

## Greves

Ao movimento de organização operaria succede o movimento grevista, tendo seus inicios no anno de 1872.

Uma das mais importantes greves d'esse anno foi a dos operarios das fabricas de fundição. Começou na fabrica Linder, tendo os grevistas em vista que fossem abolidos os serões nesta casa. Pouco tempo depois, a greve generalizava-se a toda a classe.

O maior auxilio prestado aos grevistas deve-se á Fraternidade Operaria. Esta associação, pouco depois de rebentar a greve, reuniu-se em assembleia extraordinaria para d'ella tomar conhecimento, sendo approvada a resolução dos fundidores e resolvida uma inscripção de quotas voluntarias dos socios em favor dos grevistas. Logo na primeira semana se elevaram as quotas a 400.000 réis.

O perigo para os capitalistas era de recear. Assim o comprehenderam as empresas Linder, Peter, viuva Ramos, Bachelay & Irmão, e quatorze casas de menor vulto, cedendo ás reclamações dos grevistas. Toda a pequena industria attendeu os operarios.

Restava porém ainda de pé e invencivel um poderoso inimigo. Era a Companhia Perseverança. Não queria por fórma alguma transigir com os grevistas. É de suppôr, porém, que a isso fosse levada, se a greve continuasse. Rompe-

ram-na alguns operarios, que se submetteram á Companhia e retomaram o trabalho nessa casa.

Os que, por insistirem nas suas reclamações, não voltaram a trabalhar, fundaram a cooperativa Industria Social, de que falamos já.

Foi dispendida com esta greve a quantia de 8:000.000 réis. A Companhia Perseverança perdeu proximo de 24:000.000 réis.

Em julho d'esse mesmo anno tambem os calafates se declaravam em greve, reclamando diminuição das horas de trabalho. Teve bom exito esta greve.

Em novembro realizou-se a greve dos fragateiros, para que lhes fossem pagos os salarios em atrazo, que alcançavam a somma de 23:000.000 réis. Os donos dos barcos cederam em favor dos grevistas.

No mesmo mez os typographos do antigo Jornal da Noite puzeram-se em greve, reclamando tambem o pagamento dos seus salarios em atrazo, o que conseguiram; e os typographos da casa Lallemant tambem resistiram por meio de greve á exigencia que lhes era feita de abandonarem a Associação.

Em 31 de dezembro os tanoeiros do Beato declararam-se em greve. Querem augmento de salario. É-lhes concedido.

Com o mesmo fim, e sendo egualmente bem succedidos, põem-se em greve os tecelões, em janeiro de 1873.

Uns mil operarios do tabaco protestam por meio de greve contra certas disposições aviltantes, que pesavam sobre a classe. A greve teve bons resultados.

Em 20 de janeiro, como a direcção dos caminhos de ferro tivesse despedido os seus operarios filiados na Fraternidade Operaria, declararam-se todos em greve. Apesar de muito importante, esta greve não alcançou um maior desenvolvimento em virtude da falta de união dos grevistas.

Ha ainda a registar a greve dos fabricantes de massas, com o fim de obterem o augmento de salario, tendo como

consequencia a fundação da Sociedade Cooperativa de massas, já extincta.

Sam estas as greves de que faz menção Costa Goodolphim. Sam todas dos inicios do movimento grevista em Portugal. De então por diante esse movimento tem continuado. Seria longo e fastidioso enumerar todas as greves, além de que faltam dados para isso. De resto, para uma impressão geral do que tem sido o movimento grevista não é isso preciso.

Assim limitar-nos-hemos a fazer umas ligeiras referencias a algumas das ultimas greves, para dar uma ideia da importancia d'esse movimento presentemente.

Nos ultimos tempos, pelas difficuldades cada vez maiores com que võem sendo sobrecarregadas as classes proletarias, tõem-se os operarios valido frequentemente da greve como recurso supremo para a sua resistencia e os seus protestos. E, porque resulta de perturbações e de miserias, não tem esse movimento sido ordenado e com a premeditação que seria para desejar numa lucta que, tendo por fundo a resistencia economica, deveria sobretudo valer e impôr-se pela intenção revolucionaria. Na maior parte das greves tem havido só impulsos de revolta, sem uma coordenação logica e reflectida. Trava-se um ataque de acaso, sem orientação e sem um fim determinado e assente. E assim todo este movimento tem sido feito de impetuosidades, muito sinceras embora, mas sem persistencia.

Algumas greves mesmo tõem sido lançadas com tal precipitação e falta de cuidado que, não sendo bem succedidas, nem sequer tõem tido a virtude de fazer a educação revolucionaria da lucta, habituando os operarios a defrontar-se com os patrões, com independencia, reclamando os seus direitos. Uma d'essas greves foi por exemplo a ultima greve dos typographos de Lisboa, em abril do anno corrente.

Esta greve não foi absolutamente justa. Das suas reclama-